

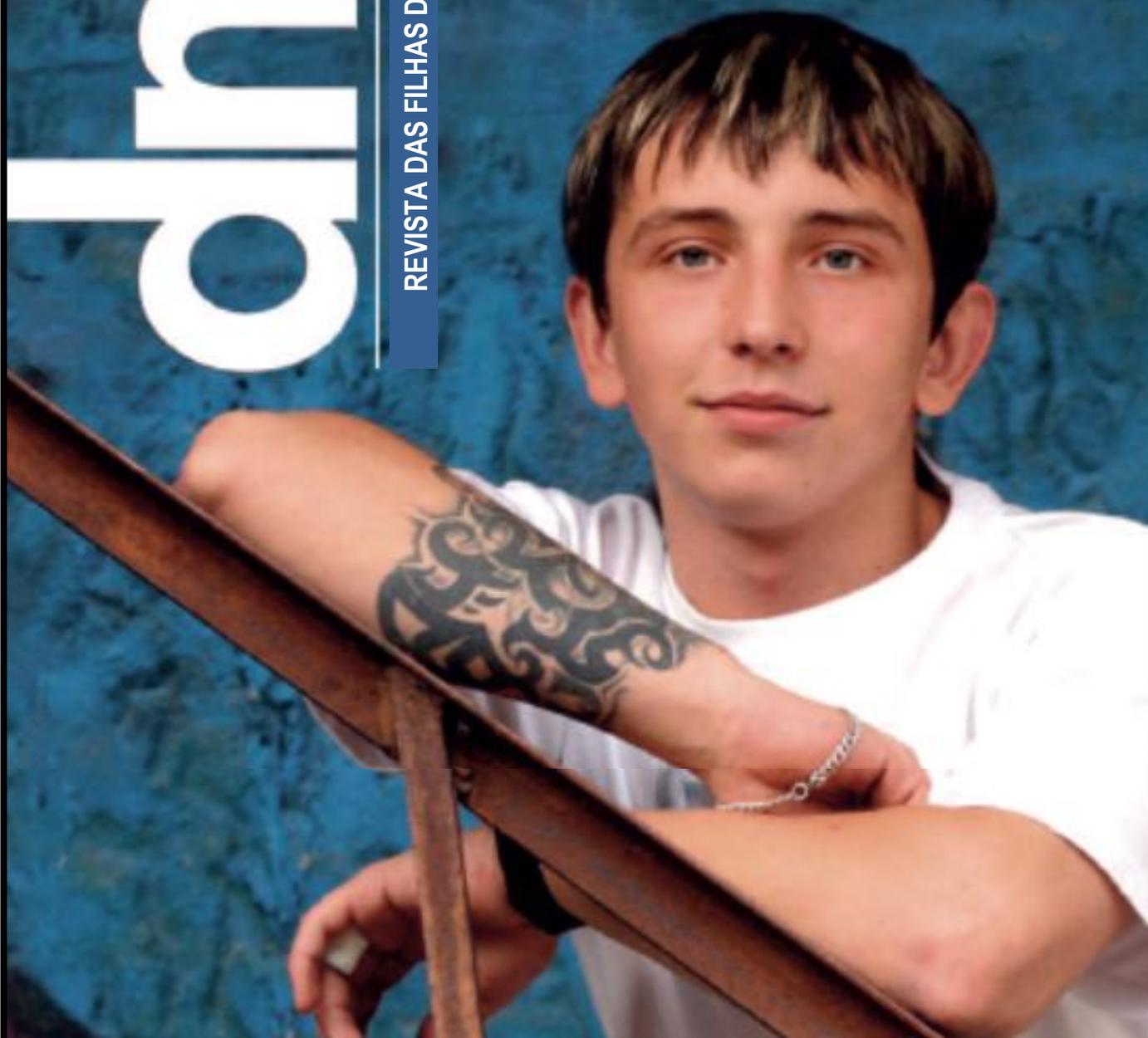
# alma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

## 2015

Anno LXII Mensile  
n. 5/6 Maggio/Giugno

Presso Editore SpA  
Spedizione in Abbonamento  
Postale  
D.L. 50/1999  
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)  
art.1, comma 2 - DCB Roma



**ALARGAI O OLHAR : COM OS JOVENS**

# dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora  
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma  
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06  
e-mail: dmariv2@cgfma.org

## **Diretora responsável**

Mariagrazia Curti

## **Redação**

Maria Helena Moreira

Gabriella Imperatore

## **Colaboradoras**

Maria Américo • Julia Arciniegas

Patrizia Bertagnini • Mara Borsi

Carla Castellino • Piera Cavaglià

Maria Antonia Chinello

Anna Rita Cristaino • Emilia Di Massimo •

Dora Eyllenstein • Palma Lionetti

Anna Mariani • Adriana Nepi

Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez

Debbie Ponsaran • Maria Rossi

Eleana Salas • Martha Séide

Giuseppina Teruggi

## **Tradutoras**

**francês** • Anne Marie Baud

**japonês** • inspetoria japonesa

**inglês** • Louise Passero

**polonês** • *Janina Stankiewicz*

**português** • Maria Aparecida Nunes

**espanhol** • Amparo Contreras Alvarez

**alemão** • inspetorias Áustria - Alemanha

## **EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL**

Instituto Internacional Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma

c.c.p. 47272000

Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970

Sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,

lei 662/96 Filial de Roma

**n. 5/6 maio-junho 2015**

Tip. Instituto Salesiano Pio XI

Via Umbertide 11 00181 Roma

## **USPI**

ASSOCIADA

UNIÃO IMPRENSA PERIÓDICA ITALIANA

**Edição em Português**

# SUMÁRIO

04 *Editorial* **Abraçar o caminho da Paz**

## Primeiro plano

---

06 *A paz é o caminho* **Semear a Paz**

07 *Mulheres no contexto* **A beleza feminina**

09 *Cultura ecológica* **Segurança alimentar  
Que futuro?**

10 *Fio de Ariadne* **Da sinceridade à verdade**

14 *DOSSIÊ* **Com os jovens**

## Em busca

---

22 *Dom e Culturas* **A necessidade da gratuidade**

23 *A Palavra* **Emaús: falar ao coração**

25 *Carisma e liderança* **Sejam Mães**

## Comunicar

---

26 *Um olhar sobre o mundo* **Myanmar**

30 *Vida consagrada* **Comunicação e carisma**

31 *Vídeo* **Still Alice**

33 *Livro* **O pequeno Titereiro de Varsóvia**

35 *Música* **Peace Vs War**

36 *Camilla* **Conferência? Há modo e modo!**





## Abraçar o caminho da Paz

*Maria Helena Moreira*

Como viver como discípulos de Jesus ressuscitado num mundo com realidades tão contrastantes? Deixemos que os nossos passos se cruzem com os de Jesus na hospitalidade, na misericórdia, na paz.

Na *hospitalidade*, que nos faz entrar em nossa condição humana mais profunda, abrindo-nos ao outro, assim como ele é, aprendendo a hospedar, sendo hóspedes de Jesus e hospedando Jesus no outro. Entrar na mística da visitação: visitar e ser visitado será um movimento único, interior. Colocar-se no caminho, compartilhar sonhos e expectativas. Hospedar a realidade sofrida de milhares de migrantes, de crianças sem direito à infância, de mulheres vítimas da violência, que vivem a fome, a sede, a exclusão, o medo, a insegurança, a morte. Hospedar a Palavra presente no outro e desejar que ela ressoe em nós e nos empenhe a buscar uma convivência que inclua todas as pessoas no direito à vida. Hospedar o diálogo e vivê-lo hoje como profecia.

Na *misericórdia* de Deus, que experimentamos em nossa vida. O inclinar-se de Deus sobre nós, com incansável benevolência, nos empenha a assumir o estilo de Deus com todos: “*Sede misericordiosos, como vosso Pai do céu é misericordioso*” (Lc 6,36). O rosto deste mundo, marcado pela exclusão e pelos interesses de mercado, pode mudar se percorrermos os caminhos do Evangelho do perdão e da compaixão. A experiência pessoal da misericórdia de Deus torna-se um forte apelo para mover-nos com compaixão para com aqueles com quem vivemos cotidianamente. “*Com o olhar fixo em*

*Jesus e no seu rosto misericordioso podemos apreender o amor da SS. Trindade*”, é o convite do Papa Francisco para viver a graça do jubileu da Misericórdia.

Na *paz*, cujo grito provém das vísceras do coração humano e da terra. Salvar e lutar pelo direito inalienável à paz. Empenhar-se para sanar as causas da indiferença, da guerra, da morte. Educar à paz e ao convívio para construir uma sociedade fundada na convivência respeitosa das diferenças, no desenvolvimento sustentável, no cuidado pela Mãe Terra, casa habitável e segura para todos. A paz é possível como missão compartilhada, em colaboração com o Espírito de Deus, construindo redes de cooperação, na busca de compreensão entre os povos, deixando os próprios interesses pelo bem comum, por uma economia sustentável e ética, de comunhão solidária. O diálogo é um caminho possível para a paz, porque aperfeiçoa a sensibilidade que ajuda a perceber a realidade do outro, a colocar-se no seu lugar.

Continuar a viver no tempo pascal é decidir abraçar o caminho da luz, assumindo uma conduta coerente com o Evangelho, trilhando estradas de hospitalidade-convivência, de misericórdia-compaixão e de paz-diálogo, sinais confiáveis da presença do Amor do Ressuscitado para tempos novos.

*mhmoreira@cgfma.org*

# dma

## primopiano

primeiro plano



Approfondimenti biblici  
educativi  
e formativi

Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos



## Semear a paz

*Bizige Nirere Charlotte, fma*

**A República Democrática do Congo (ex Zaire) é o maior Estado da África, perdendo apenas para o Sudão. Riquíssimo em recursos minerais e agrícolas e em madeiras preciosas, este Estado jamais conheceu uma verdadeira paz interna, e a pobreza ainda está muito difundida.**

### **Complexidade de um conflito**

A questão dos conflitos no Leste da República Democrática do Congo é complexa e difícil. Nela cruzam-se problemáticas de natureza socioeconômica, política, étnica e cultural, num ambiente politicamente muito instável, que, então, torna a gestão e a resolução do conflito sempre mais distante.

Uma das principais causas dos conflitos é de natureza econômico-expansionista. De fato, a República Democrática do Congo, pela vizinhança com a região dos Grandes Lagos, foi muitas vezes marcada por rivalidades econômicas, ameaças e domínios. Neste contexto insere-se a situação de Ruanda: em 1960 com a queda do Reino Hima e a instituição da República houve o êxodo de mais de 200.000 Tutsi.

O acesso Hutu ao poder mudou a relação entre Tutsi e Hutu, os principais grupos étnicos em Ruanda. Ao mesmo tempo o Zaire começou um processo de democratização rumo a um governo mais participativo. Mas, não se trata de uma única causa, porquanto a ela estão frequentemente associados outros interesses: a economia, a desigualdade social, a opressão política, as divisões étnicas. Na região dos Grandes Lagos, a superpopulação de Ruanda, a discutida riqueza do subsolo, a presença muitas vezes invasora dos parceiros ocidentais contribuíram para alimentar o conflito.

Depois do genocídio em Ruanda, em 1994 e 1998, a República Democrática do Congo foi vítima da ocupação.

Diversas tropas rebeldes estabeleceram-se no País e, assim como outros Países africanos, foram envolvidos em atos de agressão territorial. As ambições expansionistas da parte de alguns Países vizinhos da República Democrática do Congo foram acompanhadas por graves violações dos direitos humanos, por massacres e destruições dos recursos naturais. A conquista territorial foi uma das causas da invasão do Congo da parte das regiões vizinhas.

A questão da superlotação em Ruanda está entre as motivações da incursão no vasto Congo.

Isto levou os cientistas a explicar o genocídio de 1994 como uma oportunidade única, pois, uma redução da população teria mais facilmente, permitido beneficiar os sobreviventes.

A presença das maiores potências foi relevante na guerra dos Grandes Lagos.

Para as grandes potências, mas a guerra foi por um problema estritamente interno ao Congo, enquanto envolveu não apenas os Países africanos, mas também as Nações ocidentais.

### **Consequências sobre a população local**

O conflito armado resultou em consequências negativas para a população. Com efeito, a crise levou rapidamente a grandes desastres humanos, mortes, deslocamentos de populações, fome e pobreza, doenças causadas pela superpopulação em pequenas áreas consideradas mais seguras. A agricultura é inexistente porque os campos foram abandonados pelos camponeses que partiram devido à guerra ou desanimados pelos frequentes saques e ataques realizados em seus campos. Na cidade são muitos os mendigos, o desemprego é forte e são verificados frequentes casos de roubo. Além disso, o conflito gerou muitas formas de depravação moral, crescem as mortes causadas por doenças transmitidas pela água poluída e pela má nutrição. Muitos são os órfãos e se multiplicam as crianças de rua, resultado da

desestabilização e da desagregação do núcleo familiar.

## Sementes de Paz

Diante desta situação, o povo busca as estratégias para sobreviver. Surgem algumas organizações humanitárias e não governamentais empenhadas em trabalhar pela prevenção dos conflitos armados e para promover a cultura da paz. Surgem algumas estruturas religiosas que se esforçam para lutar contra a pobreza: cuidam da instrução, da saúde, do desenvolvimento rural; outros apoiam as crianças de rua, entre as quais as crianças-soldado, e se interessam pela sua formação profissional e pela sua reinserção social, como a Rede mundial de jovens pela paz, um grupo que se encontra na província do Kasai Ocidental, em Kananga e que leva adiante a ideia de que “aquilo que nos une é mais forte do que o que nos divide”.

A República Democrática do Congo parece estar vivendo a fase do pós-conflito, embora seja sempre iminente, e o povo resignou-se a isto, considerando o conflito quase como uma ‘normalidade’ do cotidiano.

Nos últimos anos houve um crescimento da sensibilidade à paz e à justiça, por isso nas paróquias e nas escolas organizam-se encontros para educar a educar-se à paz. Tal educação começa nas famílias, embora as Instituições políticas não sustentem os valores da tolerância, da aceitação das diferenças, da liberdade de expressão e do diálogo. A Igreja, na República Democrática do Congo, empenha-se pela construção de uma ordem social e pela igualdade, com o slogan: “O desenvolvimento é o novo nome da paz”.

A sua contribuição é notável, sobretudo no campo educativo-formativo. A Igreja faz eco à voz do Papa Paulo VI: “Combater e lutar contra a injustiça é promover o bem-estar, o progresso humano e espiritual de todos e, portanto, o bem comum da humanidade”. Muitas pessoas de inspiração cristã, ou pertencentes aos movimentos eclesiais, estão envolvidas em associações pela promoção dos direitos humanos, pela defesa dos refugiados e dos prisioneiros.



*bizigechar@yahoo.fr*

## Mulheres no contexto



# A beleza feminina

*Palma Lionetti*

**“Espelho, espelho meu...  
quem é a mais bela do reino?”  
Se o espelho das mulheres pudesse  
falar! Pelo espelho as mulheres  
procuram constantemente a confirmação  
para aquele rosto, aquele corpo que  
se espelha, que em alguns casos  
inquieta, que condiciona nas escolhas**

**e nas relações e que se encontra  
confrontando-se com um imaginário  
muitas vezes pré-fabricado e perfeito,  
no qual a imagem de mulher é privada  
de imperfeições: nenhuma espinha,  
nenhuma ruga,  
nenhum cabelo fora de lugar!**

## O espelho e a vida

O espelho, talvez seja um objeto estranho a nós consagradas, e o espelhar-se, uma ação que habitualmente não realizamos, antes, a consideramos quase como uma concessão indevida à nossa vaidade.

O espelho, na realidade, é um símbolo caro à mística e à espiritualidade: para alguns um elemento tentador, para outros um interlocutor cruel que, enquanto reflete passivamente, revela ao mesmo tempo, de maneira impiedosa, os defeitos. Não obstante isso o espelho é o “lugar” onde se cruzam e de entrelaçam aspectos diferentes da vida, interioridade e exterioridade, as rugas mais evidentes do rosto, como também as interiores.

Diante dele, as mulheres, em geral, como diante do amigo mais querido e por isso crítico e cúmplice, preparam o seu rosto, acertam detalhes, experimentam usar qualquer coisa ou retocar aquilo que o tempo lhes permitir.

Neste caso, ele não engana, não esconde os detalhes da vida que, em vez, devem ser observados e coletados. Reflete assim aqueles diálogos interiores e exteriores, longe de ser em si um objeto enganoso, assim se torna quando “o egocentrismo do olhar” restringe o visual somente sobre nós, concentrando-o sobre a aparência e a complacência de nós mesmos, como se fôssemos o umbigo do mundo.

Todas e todos somos contaminados e influenciados pelas imagens, pela estética, pela perfeição das formas e obcecados pelos defeitos, porque bombardeados em toda parte pelas imagens de corpos moldados. Por isso também nós não estamos inteiramente ao abrigo e como educadoras não podemos senão interrogar-nos sobre o desejo de beleza, sobre o nosso corpo e sobre como comunicamos, através dele, a alegria da vida e da consagração.

## Cuidar

Mas o ato estético por excelência é o cuidado! Um cuidado que graças à sensibilidade comunitária feminina torna-se expressão de uma beleza declinada no plural, que faz das mulheres o rosto da coesão social, da solidariedade e do “cuidar-se” uma atitude eco-antropológica importante. Escreve Antonietta Potente no sábio “Não é tempo de tratar com Deus assuntos sem importância”, sobre a escolha e o sonho dos votos: « Não pronunciamos os votos com a razão, mas com o corpo e dentro da nossa história específica. Para repensá-los ajudam-nos as pequenas coisas, os detalhes, os símbolos que fazem parte das nossas vidas. Acompanham-nos o olhar de Teresa D’Ávila e o de muitas outras mulheres que lembramos com afeto, admiração e admiração. Mulheres que caminharão e

camminham, entreveem alguma coisa graças à sua atitude de busca, mesmo em situações tão diferentes da nossa ».



Dois prêmios dados a duas Filhas de Maria Auxiliadora falam desta beleza toda feminina de cuidar, e de como isto assume um sentido ‘político’ no seu significado mais aprofundo.

**Ir. Philomena B. D’Souza**, da Inspeção Indiana S. *Maria Domingas Mazzarello*, em Bombay (INB) no dia 8 de março foi premiada pelo cardeal Oswald Gracias, Arcebispo de Bombay, pelo trabalho desenvolvido como Responsável da Comissão para a promoção da mulher na Arquidiocese de Bombay nos anos 2005 – 2009. As ações que a tornaram “bela” como mulher e como educadora foram muitas e significativas: a formação para as mulheres líderes, os Centros de Escuta e de Apoio para as mulheres e jovens maltratadas e abusadas, a participação à 1ª Assembleia dos Bispos indianos sobre o tema “Empoderramento da Mulher na Igreja e na Sociedade”.

Planejou e realizou itinerários formativos sobre a igualdade de gêneros para meninas e meninos, projetou e realizou campanhas de sensibilização sobre a violência contra crianças, colaborou na preparação do “Gender Policy” para toda a Igreja Indiana e na elaboração de um regulamento para os casos de abusos sexuais de crianças e mulheres.

**Ir. Mary Farid**, da comunidade Maria Imaculada de Heliópolis na Inspeção *Jesus Adolescente* no Egito (MOR) que no dia 21 de março, primeiro dia de primavera e festa da mãe para os egípcios, recebeu o prêmio de “*Mãe exemplar do ano 2015*” pela região de Heliópolis e Nozha. É interessante o fato de ter sido exatamente um pai, Moutaz Mokhtar, que propôs a candidatura de Ir. Mary e a difundiu nas Redes Sociais para pedir votos.

Ir. Mary recebeu o prêmio provavelmente pela sua maternidade e fraternidade, acolhida dos mais pobres, dos órfãos e enfermos, pelo apoio dado aos sem-teto.

A beleza feminina e das mulheres consagradas é aquela força do coração que avança por uma paixão, que jorra daqueles aspectos luminosos do feminino contemporâneo, não um feminino rompante e triunfalista de estilo televisivo, mas mais estético porque ético. Um espírito feminino não polêmico e competitivo, mas essencialmente colaborativo, criativo, co-evolutivo.

*palmaionetti@gmail.com*



## Segurança alimentar. Qual futuro?

Martha Séide

**É possível assegurar a toda a humanidade uma alimentação boa, saudável, suficiente e sustentável?  
Como alimento e saúde estão relacionados nos estilos de vida, nas atividades motoras, no bem-estar das pessoas?  
Como a exploração dos recursos e a sustentabilidade ambiental podem conviver? De que modo a salubridade do alimento deve influenciar as escolhas de produção da energia e o uso dos recursos naturais?  
Estas e muitas outras interrogações sustentam as buscas da Expo Milão 2015.**

Se novecentos milhões de pessoas padecem pela desnutrição e outro tanto sofre os danos de uma alimentação excessiva e desordenada é evidente que o tema da segurança e salubridade alimentar coloca-se numa escala global, que envolve direta ou indiretamente a maior parte das pessoas e dos povos do mundo.

### **Nutrir o Planeta, energia para a Vida**

O tema geral da *Expo Milão 2015* encerra estas quatro palavras: *alimentação, energia, planeta, vida*. Cada forma de vida precisa de energia e a energia é fornecida pela alimentação.

Por sua vez, o nexa vida-alimentação incide sobre o desenvolvimento de uma multiplicidade de fatores naturais e antrópicos. Desta circularidade complexa emerge então a quinta palavra chave: a pessoa que, «com os instrumentos do seu viver e do seu trabalho, contribui para transformar em positivo ou em negativo a natureza na qual vive» (*Memorandum Expo 2015-FAO*).

### **Por um desenvolvimento humano integral**

É somente a pessoa humana, artífice de um extraordinário percurso de evolução e intervenção sobre a natureza, que pode dar resposta a todas as perguntas. Daqui a sua grande responsabilidade. Se, de fato, as civilizações documentam a impressionante capacidade do homem de responder sempre mais à necessidade alimentar com criatividade e genialidade, ao mesmo tempo testemunham também a possibilidade de que escolhas erradas levam a alterar a fecundidade da natureza e a prejudicar a transmissão para as gerações futuras (Cfr. *Guida del Tema*, do grupo de trabalho TEG).

Uma referência tão forte à centralidade da pessoa humana implica, em particular, que o desenvolvimento sustentável seja concebido como parte do desenvolvimento humano integral.

Isto significa também passar de uma ideia de desenvolvimento baseada em termos meramente econômicos, a um desenvolvimento integralmente humano nas suas dimensões, econômica, social e ambiental, que parta da dignidade da pessoa. A partir desta aproximação cultural humanista podem-se enfrentar de modo adequado os maiores desafios ligados à nutrição e à comida.

### **Algumas condições irrenunciáveis**

Diante da complexidade e da vastidão do tema, a *Expo 2015* pretende sublinhar algumas prioridades:

- *luta contra a fome*, com a finalidade de garantir a todas as pessoas um acesso físico, social e econômico à comida;

- *sustentabilidade*, como capacidade dos mercados de reconhecer o valor dos bens, a aplicação adequada da tecnologia aos sistemas de produção, e o equilíbrio no emprego da terra;

- *saúde*, entendida como estado de bem-estar, fruto também de uma adequada utilização do alimento apropriado, segundo os princípios basilares da nutrição, da higiene e da saúde, terreno sobre o qual ocorre caracterizar estratégias de intervenção para reduzir a insegurança alimentar, a má nutrição e as doenças alimentares;

- *alimento como instrumento de paz e de expressão cultural*, mediação de encontro, diálogo, conhecimento e integração entre os povos.

## CONTRA

## LUZ

« O desafio é: como realizar uma agricultura com baixo impacto ambiental? Como fazer de modo que o nosso *cultivar a terra* seja ao mesmo tempo também um *cuidar dela*? Diante destas interrogações, quero dirigir um convite e fazer uma proposta. O convite é: *reencontrar o amor pela terra como mãe* – diria São Francisco – da qual somos tirados e à qual somos chamados a voltar constantemente. E daqui vem também a proposta: *cuidar da terra*, fazendo aliança com ela, a fim de que possa continuar a ser, como Deus a quer, fonte de vida para toda a família humana » (Papa Francisco aos *Dirigentes da Confederação Nacional Coldiretti*, 31/01/15)

As prioridades são condições irrenunciáveis para construir no tempo soluções concretas e sustentáveis para a saúde e o bem-estar global, na consciência de

que para nutrir o planeta não adianta dobrar-se sobre uma posição defensiva, numa perspectiva de pura conservação, mas ocorre definir objetivos precisos que passam por meio do aumento e da melhoria das possibilidades e potencialidades existentes (Cfr. *Documento Estratégico da Expo Milão 2015*). Neste sentido, permanece sempre prioritária a necessidade de educar a uma alimentação saudável para favorecer estilos de vida corretos nas populações e em particular nas crianças, adolescentes, gestantes, pessoas com deficiência, anciãos.

## Direito universal ao alimento

A segurança alimentar na sua acepção de direito universal ao acesso ao alimento está no centro do debate global e se resume numa fundamental interrogação: como garantir continuamente a todos, alimento saudável, correspondente aos gostos e às tradições de cada povo e compatível com os diversos sistemas de produção local?

O desafio alimentar dos próximos anos coincide antes de tudo com a capacidade de desenvolver *uma agricultura sustentável*. Esta pode representar, além do mais, o caminho mais concreto para que inteiras faixas de população, nos Países mais pobres, saiam da pobreza.

A busca da *qualidade do alimento* constitui o segundo objetivo fundamental da resposta à necessidade alimentar da humanidade. A salubridade do alimento obtém-se com um rigoroso controle dos sistemas de produção e com um conhecimento sempre mais aprofundado da relação entre condição humana e nutrição.

[j.arciniegas@cgfma.org](mailto:j.arciniegas@cgfma.org)

## Fio de Ariadne



# Da sinceridade à verdade

Maria Rossi

**Na fala usual, os termos sinceridade e verdade são considerados como sinônimos e são utilizados indiferentemente, como se um equivalesse ao outro. De uma pessoa que habitualmente é sincera, diz-se também que é verdadeira. Na realidade os dois termos têm significados semelhantes, mas também conteúdos diferentes. Segundo o Dicionário da língua italiana, sincero é aquele “que se afasta de qualquer engano ou falsidade no comportamento ou na atitude” e sinceridade é correspondência de uma expressão ou de um comportamento ao modo efetivo de sentir ou de pensar. Verdadeiro é aquele que é “fiel e conforme à verdade, sincero” e a verdade é “correspondência à realidade efetiva”, mas “o conceito [de verdade] é naturalmente suscetível de todas as limitações relativas à subjetividade do conhecimento”.**

### **Possíveis atitudes**

Se nos colocarmos no transcorrer da cotidianidade e observarmos com olhar benévolo, desapegado, sem preconceitos e positivamente crítico o viver e o comunicar-se numa das nossas comunidades ou em qualquer comunidade humana podemos colher as diversas atitudes assumidas pelos que comunicam a sua própria verdade.

Frequentemente, estas atitudes são tantas, quantas são as pessoas que compõem a comunidade. Mas, mesmo na grande variedade, podemos notar algumas tendências e também como a sinceridade não coincide com a verdade e/ou com toda a verdade.

Não é raro encontrar pessoas pouco reflexivas que, também por um certo senso de inferioridade não elaborado, parecem programadas a apontar para qualquer coisa que seja dita. Corrigir uma pessoa, significa saber mais do que ela, ser e sentir-se melhor.

Se uma, por exemplo, diz que parte com o trem das nove, logo rebatem: “Não, é às nove e três minutos”. Se outra diz que faz calor, com tonalidade às vezes pouco respeitosa, afirmam: “Não, hoje está mais fresco que ontem” e assim por diante. Se em seguida quem retrucar estiver bastante tensa, pode nascer uma discussão pouco simpática onde não há nem sinceridade nem verdade, mas superficialidade, estupidez ou uma inócua patologia.

Não faltam pessoas que, pela educação recebida e muitas vezes por uma profunda insegurança de base, tendem a ser rígidas e a buscar segurança por meio de diversas formas de controle.

O ter tudo ou o mais possível sob controle, confere segurança e aplaca a apreensão de que alguma coisa ou alguém, escapando do próprio controle, possa de alguma forma prejudicar.

A respeito da verdade, acreditam possuí-la. Possuindo a verdade, não podem errar nem admitir o erro. A sua atitude diante dos outros não é diretamente violenta, mas profundamente ofensiva. Habitualmente são sinceras, têm uma boa linguagem mesmo se infelizmente formal e repetitiva. Não sabem escutar e quando o fazem, em vez da atitude de compreender as razões do outro, ficam atentas para captar o erro ou a lacuna a fim de intervir e afirmar o que, na sua opinião, é verdadeiro e justo.

Tendem a doutrinar, a obrigar, obtendo, muitas vezes, o efeito contrário. Se têm um bom título de estudo, é quase impossível tentar expressar-lhes a própria verdade, ou, quando se consegue expressá-la, esta não toca o interlocutor, mas volta para trás como um bumerangue.

Diante destas pessoas, pode-se ter a impressão de que não sejam sinceras, mas o que falta não é a sinceridade, é a capacidade de consentir que a verdade venha à tona, de ter mil nuances e ser livre de restrições moralizantes.

Esta atitude é sobretudo a de quem, assumindo um papel de comando, identifica-se muito com o papel, busca a segurança no papel e troca o serviço de autoridade pelo autoritarismo.

Nas comunidades humanas, incluindo as religiosas, há pessoas honestas, boas, que depois de ter dado espaços adequados à oração e à prestação de serviço, encham o tempo livre coletando notícias de todo tipo, em particular com fatos do noticiário e do que se diz na região ou na comunidade.

Nascimentos, mortes, falências, litígios, matrimônios, traições, heranças, mudança de casa, fraquezas, desvios e outras notícias são registrados e lembradas com uma discreta precisão.

Estas pessoas têm uma particular habilidade para colocar juntos os fragmentos recolhidos e construir perfis aparentemente coerentes. A coisa estranha é que, mesmo avançadas em idade, acreditam firmemente nos perfis por elas construídos e se admiram se alguma/algum faça qualquer aceno de dúvida ou divergência. A tal e o tal segundo elas, são mesmo assim. A sinceridade nestes casos talvez nunca falte. Algo de verdadeiro pode existir. Toda a verdade sobre o mistério da pessoa, porém, escapa

não apenas aos boatos, mas também à própria interessada. Uma coisa curiosa, facilmente observável, é que, se a pessoa da qual foram sublinhados aspectos negativos morre, com extrema desenvoltura, mudam-se os tons e também os conteúdos.

Algumas pessoas, boas e infelizmente tímidas, diante de tipos autoritários e daqueles que, acreditando saber tudo, estão sempre ali para retrucar a tudo o que se diz, tendem a dizer aquilo que agrada ao interlocutor, traindo a verdade e salvando o viver tranquilo.

Não se trata, porém, de pessoas mentirosas, porque, num clima de confiança e de respeito, sabem dizer aquilo que pensam.

Nestes casos, seja como for, não está salva nem a sinceridade nem a verdade.

### **No diálogo respeitoso, “buscá-la mesmo sabendo de nunca sabê-la”**

Um pressuposto e uma boa premissa ao conhecimento da verdade é a sinceridade, mas a sinceridade sozinha não leva a toda a verdade. Todas/os temos experiência das diversas modalidades na descrição de uma mesma situação. Se alguém, por exemplo, encontra-se observando uma manifestação de protesto fora da multidão, a vê e a descreve de modo diferente daquele que se encontra na multidão ou de quem a vê pela televisão.

Ao descrever o que viu e viveu, cada um é sincero, cada um expressa a sua verdade, mas, não podendo conhecer toda a realidade da manifestação, ninguém pode dizer ou acreditar de possuir toda a verdade.

Se em seguida, como em tantos fatos lamentáveis falta a sinceridade, pode-se indagar durante anos e com instrumentos sofisticados sem chegar a colher a verdade.

Se não é fácil colher toda a verdade pelo conhecimento dos eventos, pela verdade contida no mistério da pessoa, o problema torna-se ainda mais delicado. Observar o comportamento pode ajudar num primeiro momento, mas o que se torna indispensável é criar um clima de confiança, de acolhida, sem preconceitos, para poder entrar em diálogo e pôr-se à escuta respeitosa, atenta, empática das pessoas diretamente interessadas.

Ultimamente, com a chegada do Papa Francisco, sublinha-se muito a atitude de respeito pelo outro, pelo diferente por religião, por etnia, por cultura, por pobreza, por dificuldades físicas e pela necessidade de aproximar-se de cada um como de um território sagrado, “tirando as sandálias”.

Em psicologia fala-se de empatia, de escuta empática, isto é, da atitude que oferece a própria atenção a uma outra pessoa, colocando de lado as preocupações e os pensamentos pessoais. Trata-se de

uma escuta sem julgamentos, mas receptiva e concentrada na compreensão dos sentimentos, dos valores, das necessidades da outra/o.

Somente assim é possível colher a verdade da outra/o, confrontá-la com a própria, não para renunciar ao próprio pensamento, mas para purificá-lo e ampliá-lo.

Nestes últimos tempos atravessados por fluxos migratórios sempre mais frequentes, além da escuta empática pessoal, ocorre equipar-se também para uma escuta empática intercultural e inter-religiosa.

Crescemos numa cultura que, fazendo-se acreditar como os detentores da única verdade, favoreceu uma espécie de antagonismo com os diferentes, sobretudo por religião, e induziu à exclusão e à violência, mais do que a um sadio interesse pelas suas razões, pelos seus valores, pela sua verdade.

Chegar a “uma verdade consciente dos próprios limites e da própria falibilidade é indispensável precisamente por desmascarar a violência da verdade unívoca, absoluta e excludente e ainda mais, da verdade ideológica e da opressão violenta” (Brena, 119). Oferecer uma escuta empática à pessoa diferente por religião, por cultura, por idade, não significa renunciar à própria identidade e verdade, e nem mesmo assumir sem crítica a verdade da outra/o, mas chegar a um conforto sereno, sem preconceitos para ampliar os próprios horizontes e progredir em direção a uma verdade sempre mais plena e, como diz Nicola Cusano, continuar a “buscá-la mesmo sabendo de nunca sabê-la”. O filósofo jesuíta Gian Luigi Brena, refletindo sobre as filosofias e sobre a cultura ocidental, afirma: « Falta interesse pelas razões dos outros, enquanto se retêm as próprias razões absolutamente válidas para todos.

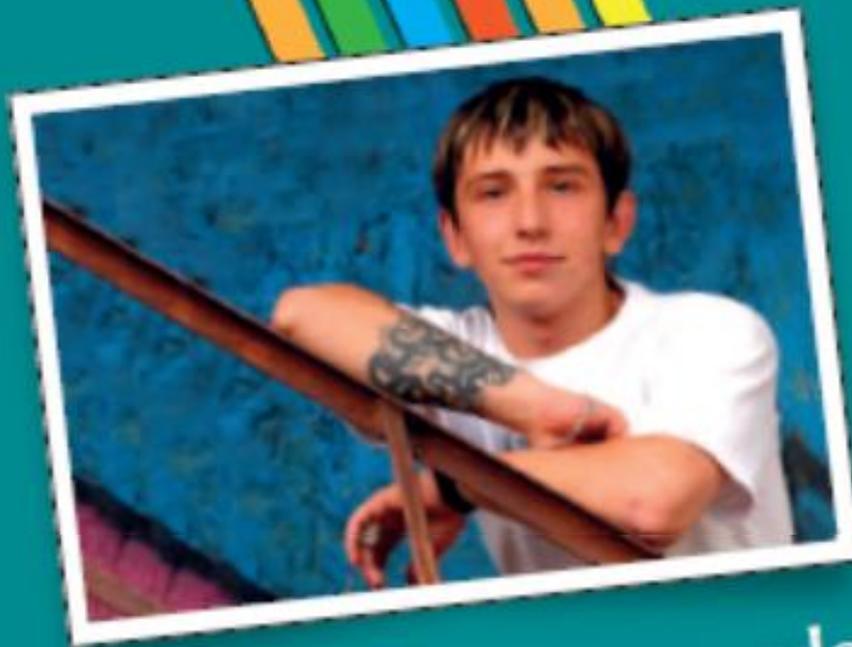
A verdade é estabelecida a priori por uma subjetividade unificada, e concebida como única e absoluta e, portanto unívoca, e exclusiva de cada concepção diferente.

Também o pluralismo pós-moderno não supera o tropeço de uma absolutização unilateralmente estabelecida e não comunicante, pelo contrário, excludente. Nesta espécie unilateral de verdade escondem-se uma forma e uma raiz da violência, mesmo quando se exclui a violência física, que chega a impor a própria verdade.

Para desarmar esta carga de violência, a verdade deve tornar-se consciente da própria historicidade, dos próprios limites e da própria falibilidade, ficando aberta à verdade dos outros e ao diálogo que faz comunicar as diversidades, abrindo à busca comum de uma universalidade concreta » que aproxima da Verdade. (Brena Gian Luigi, *Diálogo entre civilização e secularização*. Por um laicato não secularista, Mensageiro, Pádua 2012, p. 120).

rossi\_maria@libero.it

# dossier dma



Allargate lo sguardo

Allargai o olhar



## Com os jovens

Palma Lionetti, Emilia Di Massimo

**Ser comunidades abertas e acolhedoras: espaços de Evangelho em que Jesus esteja no centro; onde com os jovens possamos viver o espírito de família típico de Valdocco e de Mornese no respeito de cada pessoa e na corresponsabilidade. Ser com os jovens, requer superar relações formais, funcionais e apressadas e apostar no encontro autêntico, vivido no espírito de família e no acompanhamento salesiano. (Atos CG XXIII).**

### **Na cultura do anti-envelhecimento... Que lugar para os jovens?**

A palavra de ordem na cultura estética contemporânea é “hidratação” e a sua batalha, combatida a golpes de creme ou de bisturi, é a batalha contra as rugas!

Assim com cada meio à disposição procura-se refrear o irrefreável caminho do tempo, cujos sinais estão estampados no nosso corpo, no nosso rosto e, não obstante todas as nossas tentativas de corrigi-los ou até mesmo de insanamente eliminá-los, a sua passagem permanece inevitável.

A carteira de identidade pode muito bem declarar 50 anos, mas a tua pele deve declarar a metade e os inimigos número um, que podem atestar o contrário, são o espelho, a balança, a dieta que não se consegue levar ao fim, a palestra que para ser frequentada de pois do trabalho requer horários impossíveis, a perfumaria que com os seus produtos vaporiza constantemente a ilusão de reduzir a distância que te separa da juventude.

A publicidade, entre outras coisas, estudou bem este período dos adultos e fez da juventude a grande máquina de felicidade dos adultos de hoje.

E se permanecer jovem é de obrigação, qual espaço têm de fato os jovens?

Este amor dos adultos pelo rejuvenescimento não nega talvez aos jovens a possibilidade de serem realmente protagonistas, destinando-os à invisibilidade e ao esquecimento?

A esta geração de adultos que tem feito da juventude um mito, uma ideia platônica ou, até mesmo, uma religião, um culto, um ídolo ao qual sacrificar o protagonismo juvenil poderíamos pertencer também nós os educadores e as educadoras.

“Com os jovens” é uma das três escolhas de conversão pastoral do CGXXIII e a sua posição nos Atos é significativa!

O “Transformadas pelo encontro” mantém no centro “Com os jovens” que tem como consequência o ser “Missionárias de esperança e alegria”.

Pelo que o encontro com Deus nos transforma quando fazemos da presença dos jovens não apenas um “paragrafozinho” dos nossos documentos, mas “o ponto de partida do nosso empenho de encarnar o carisma salesiano”.

É claro, de um modo ou de outro a cultura também exerce sobre nós alguma influência, pelo que, se educar é um pouco como gerar, inconscientemente, também para nós, educadoras, pode acontecer uma espécie de “medo do filho”.

Assim, como para uma mulher, aqueles que deveriam ser os nove meses mais belos e serenos da vida muitas vezes de tornam meses de angústia, dúvidas e medos que arruinam o encanto da maternidade, também para uma educadora gerar na educação poderia ser vivido com algum medo.

Perder a própria forma física para as mulheres é um temor que pode parecer “estúpido” e menos confessado mas presente sobretudo entre as mães mais jovens, as quais receiam não serem mais atraentes ao próprio *partner*, não conseguindo gerir as mudanças de “forma” que um filho comporta.

Para nós, educadoras, o medo que poderia nos invadir atrasando e até impedindo, “a conversão

pastoral” que, como diz Papa Francisco no n° 25 da *Evangelii Gaudium*, “não deixa as coisas como estão”, mas requer exatamente uma mudança, uma reforma, das estruturas, dos costumes, estilos, horários e linguagem!

Assim a tentação da autopreservação nos invade também quando os jovens, os filhos que geramos na educação, com a sua presença comportam necessariamente mudanças estruturais à nossa vida.

## Transformadas pelo encontro

Os encontros que contam mudam a tua vida, não te deixam como te encontraram.

Se os jovens são para nós o “lugar teológico” onde encontramos Deus, então este encontro nos transforma profundamente, não como uma “foto-retoque”, mas nos recria continuamente.

Encontrar o outro, sobretudo quando se trata dos jovens, significa “sair”, estar “fora” uma expressão que, se de um lado põe em relevo aquela loucura ou insensatez, do outro lado muitas vezes faz genial uma ação ou uma pessoa. No Magistério do Papa Francisco “o encontro” é a categoria-chave que pede uma Igreja “em saída”, uma Igreja missionária, *estroflessa* para o mundo, aberta à realidade, a fim de que o Evangelho seja anunciado, em qualquer situação de vida em que se encontre. Uma Igreja que sabe ser simples nas suas expressões, natural, ordinária, direi, normal.

E isto para alcançar todos e neste todos, para nós fma, educadoras e mães, estão os jovens, cada jovem.

Uma pastoral em “saída” é uma pastoral que projeta a partir daquilo que respirou pela estrada que sabe colocar-se em estado de mudança contínuo; as palavras da sua mudança são: positivo, próximo, ao lado, presente, sem julgamento, alegre, cordial, agradável. E o seu estilo será o da concretude, paciência, respeito pelos tempos do outro, aceitação das falhas e capacidade de repartir, abertos à esperança, à imaginação, ao sonho.

Então, fazer a escolha de se deixar “transformar pelo encontro” significa que “o caminhar”, o não ficar parados ultrapassa a metáfora, torna-se a real condição pessoal e comunitária para compartilhar a vida com os jovens. Caminhar fazendo estrada, confiando-se frequentemente à intuição, à escolha improvisa, a tudo o que pode surpreender-nos, às ocasiões às vezes únicas, é saber viver plenamente mesmo na inconstância, na imprevisibilidade do percurso, e até mesmo ao perder a meta. Caminhar sem descanso, é um dispor-se continuamente a aprender. Caminhar nos educa e reeduca à concretude, convida-nos a acolher o momento, porque sabe que talvez aquele jovem pode não mais ser encontrado, impele-nos então, a rejeitar a imobilidade e

a saber dialogar com todos.

Seja como for, crentes e não crentes, se viandantes, encontram-se na estrada de Emaús.

Lembrando-nos de que na cultura contemporânea não somos os únicos, nem os primeiros, nem os mais escutados, sem por isso percorrer o caminho do relativismo, mas o da companhia com todos, da hospitalidade para que também os jovens saibam conosco habitar a história alimentando a cultura do encontro que em seguida é a da reciprocidade, a da harmonia nas diferenças.

## Mulheres felizes

Na Igreja católica indica-se com o apelativo de irmã a mulher consagrada e reconhecemos que o termo equivale a “irmã”. Além disso, em muitos Países costuma-se chamar as irmãs de madres *mães* e, certamente, no imaginário comum, evoca qualidades positivas da pessoa. No fundo, são termos que exprimem os valores nos quais cada uma de nós acredita, mas sabemos bem que podem ser vividos na medida em que a nossa identidade corresponder à de mulheres felizes. A felicidade autêntica permite ser fecundas, gerar os jovens para a vida em Jesus. Acreditamos que seja esta a missão prioritária à qual somos chamadas: ser irmãs e auxiliadoras para a existência dos jovens, mães que geram vida e a irradiam, doando amor e gratuidade, dons que os jovens sabem reconhecer nos matizes dos eventos, até mesmo nos inevitáveis limites, aos quais são sensibilíssimos. Então, educar pede-nos para sermos mulheres felizes, e se a felicidade é uma realidade interior torna-nos, quase sem que o percebamos, irmãs e mães; diversamente, talvez, não seríamos capazes de responder com autenticidade a tudo aquilo que os jovens esperam de nós.

Em um tempo de *liquidez* em todos os níveis, é realmente urgente ter uma identidade clara e definida, feliz e estável, para ser principalmente com aquilo que somos, mais do que com o agir, “missionárias de esperança e alegria”. Declinado na concretude do cotidiano, significa servir os jovens e as pessoas que de qualquer modo cruzam a nossa estrada, que precisam de nós, de um sorriso, de um abraço, de uma palavra, de um aperto de mão, de um olhar expressivo.

## Irmãs e mães

*Ser irmãs e mães*, é possível unicamente se sentirmos que existe dentro de nós uma força poderosa, a força de doar a vida, que impele a pensar primeiro nos outros depois nas próprias exigências, daquelas mais elementares como a necessidade de comer, de dormir, de descansar, nos próprios medos e fragilidades, nos limites pessoais e fadigas.

«A consagrada é mãe, deve ser mãe e não solteirona», disse o Papa Francisco na Audiência de 8 de março de 2013, explicando o sentido da castidade como “carisma precioso, que alarga a liberdade do dom a Deus e aos outros, com a ternura, a misericórdia, a aproximação de Cristo”.

É a fecundidade espiritual que os jovens colhem mediante tudo o que somos, o que dizemos, por meio do nosso comportamento que, mesmo tão humano, todavia comunica Aquele que tem o primado no nosso coração.

Os jovens têm o desejo de encontrar mulheres maduras que, tendo encontrado o significado da própria existência, os ajudem a descobrir o sentido da própria vida, procurando praticar o que Edith Stein, em sua obra sobre a dignidade e vocação da mulher, afirma: « A mulher é a proteção e quase a morada de outras almas que nela podem desenvolver-se. Esta dupla função de companheira da alma e de mãe das almas, não é limitada aos estreitos limites das relações matrimoniais e maternas, mas se estende a todos os seres humanos que entram no seu horizonte ».

Os jovens com os quais compartilhamos a nossa vida, em geral manifestam de modos variados um silencioso grito de ajuda, portanto, precisam ser encorajados para que possam encontrar a fonte do amor em si mesmos. Acreditamos que todo o seu sofrimento pode ser enfrentado em boa parte pela nossa disponibilidade em proteger com ternura os seus corações, sem julgar nem moralizar. Somos chamadas a amar, mas com um amor que não imponha condições, não procure reter e respeite a liberdade do outro. Isto é possível quando nos exercitamos continuamente para amar qualquer pessoa, independentemente da relação que se tem e dos sentimentos que se experimentam, embora seja humano percebê-los, mas quem decidiu viver a vocação de ser irmã e mãe, sabe ir além e não secundar o que experimenta. Não é fácil amar sem reter, escutar sem julgar, aconselhar sem impor e doar sem pretender; todavia, podemos conseguir se, por primeiro, fizermos diariamente tal experiência mediante o Pão e a Palavra, a vida de comunhão e os mesmos jovens que habitam a nossa vida.

Dar prioridade à vida de oração não exige o educador de estar sempre mais preparado para viver com os jovens a sua mesma e complexa vida juvenil, sabendo apoiá-los no caminho que estão percorrendo e buscando junto com eles, o que é verdadeiro, belo, justo e bom. O educador é, portanto, a pessoa rica em humanidade, mestre e testemunha que indica com a própria vida o percurso a ser seguido, que sabe despertar a busca do sentido da vida e oferecer aos jovens a experiência de comunidades cristãs confiáveis.

## Amorevolezza: uma atitude cotidiana

A seguinte e famosa expressão de Dom Bosco: “Que os jovens não sejam somente amados, mas que eles saibam que são amados”, é atual em cada época e para cada etapa da vida, em particular dos jovens.

Trata-se de uma atitude cotidiana, que não pode se identificar com o simples amor humano. Expressa uma realidade complexa e implica disponibilidade, coerência no estilo de vida e comportamentos adequados.

A amorevolezza, com a razão e a religião, traduz-se no empenho do educador de ser uma pessoa totalmente dedicada ao bem dos jovens que lhes são confiados, presente no meio deles, pronta a enfrentar sacrifícios e fadigas no cumprimento de sua missão.

Tudo isso requer uma verdadeira disponibilidade para realmente conhecer os jovens, para escutá-los, e um verdadeiro desejo de estar no meio deles, de ser com eles e para eles. Realmente, o nosso coração de consagradas deveria repetir sempre: “Aqui com vocês eu me sinto bem: para mim, é vida estar com vocês!”

Sob esta luz, é importante ser pessoas capazes de fazer os jovens sentir que nós nos importamos com eles, que os amamos, não apenas em palavras, mas também e, sobretudo com os fatos, demonstrando afeto e interesse pelo seu universo, que pode ensinar-nos muito.

De fato, o verdadeiro educador participa da vida dos jovens, interessa-se pelos seus problemas, procura perceber como os jovens vêem as coisas, participa das suas atividades esportivas e culturais, das suas conversas.

Coloca-se ao seu lado como um amigo maduro e responsável, prevendo os seus itinerários e metas de bem; intervém para esclarecer problemas, para indicar critérios, para corrigir com prudência e amável firmeza. Cria-se assim um clima de “presença pedagógica” na qual o educador é considerado “um pai, um irmão e um amigo”.

Nesta perspectiva o objetivo é, antes de tudo, cultivar e cuidar das relações pessoais. Dom Bosco gosta de usar o termo ‘familiaridade’ para definir a relação correta entre educadores e jovens.

De fato, a longa experiência o havia convencido de que sem familiaridade não se pode demonstrar o amor, e sem tal demonstração não pode nascer aquela confiança, que é condição indispensável para o bom êxito da ação educativa. O quadro das finalidades a serem alcançadas, o programa, as orientações metodológicas, que são o objetivo ao qual deve aspirar cada educador, adquirem concretude e eficácia se vividos em ambientes serenos, alegres, estimulantes, nos quais o jovem se sinta à vontade.

O Capítulo Geral XXIII evidenciou bem tal realidade

que se submete a cada nova orientação que nos pede para “alargar o olhar”.

Na espontaneidade e alegria das relações, o educador deveria saber colher os modos de intervenção, tão leves nas expressões, quanto eficazes para a continuidade e o clima de amizade em que se realizam. O encontro, para ser educativo, requer um interesse contínuo e aprofundado que leve a conhecer cada pessoa particularmente e em conjunto os componentes da condição cultural que têm em comum.



Por último, mas não menos importante, o educador olha para cada jovem com um olhar especial, encontra o canal certo com que chegar ao seu coração para conseguir falar-lhe e fazê-lo perceber que o ama. O que move o educador é o desejo de ajudar os jovens a formar-se como homens e mulheres honestos e respeitosos dos valores e da cultura, pessoas que conheçam e reconheçam a importância da família, da amizade, das relações interpessoais, tudo na ótica do respeito pelas regras que a sociedade dita.

O objetivo do educador que opera com amorevolezza é ajudar os jovens a formar-se “bons

crístãos e honestos cidadãos”, prontos a agir, por sua vez, com amorevolezza com quem está ao lado, tomando consciência do fato de que a sua vida e a fase que estão vivendo (a juventude) não é apenas uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, mas um tempo vivo e fecundo para a construção da personalidade e para a formação da pessoa que se aspira ser. Dom Bosco outra coisa não fez a não ser compreender plenamente o que Deus continuamente nos revela: o Seu projeto de amor não é apenas teórico, não exige de nós que confiemos n’Ele, apesar de tudo, mas nos ensina e nos demonstra, a cada dia, que nos ama.

A atualidade do conceito de amorevolezza renova-se de geração em geração, levando-se também em conta, as mudanças sociais e culturais em ato na realidade atual, desde a mais precoce “emancipação” dos jovens até o multiculturalismo; é seguramente um dos testamentos mais significativos que os nossos Fundadores nos deixaram, adequado a cada situação e a cada jovem. E exatamente porque se funda no conhecimento pessoal do jovem pelo educador, estar com os jovens deve ser a base da nossa vida cotidiana.

A amorevolezza é realmente um mundo inteiro de atitudes e de comportamentos e cada uma pode nela encontrar muitos mais, infinitos e originais, para tornar visível o amor que, como mulheres consagradas e, portanto, mães e irmãs, se expressa para fazer sentir a cada jovem que é amado, e conduzi-lo à fonte do amor verdadeiro.

*palmaionetti@gmail.com  
emiliadimassimo@libero.it*





# **ASSEGURAR A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL**

**O SÉTIMO OBJETIVO QUER ASSEGURAR  
QUE O AMBIENTE SEJA MANTIDO LIMPO E PROTEGIDO  
E QUE OS ORGANISMOS VIVOS,  
AS PLANTAS, OS ANIMAIS E OS SERES HUMANOS,  
ESTEJAM NA MELHOR  
CONDIÇÃO PARA VIVER.**

**O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,  
POR ISSO, DEVE SER PENSADO  
EM TERMOS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL  
E NÃO PODE DECOLAR  
SEM UMA ASCENSÃO  
DA QUALIDADE DE VIDA  
QUE SEJA DIRETAMENTE PROPORCIONAL  
À QUALIDADE AMBIENTAL  
QUE O HOMEM VIVE.**

**METAS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO**

AGENDA POST 2015



**OBJETIVO NÚMERO 7**  
**AGENDA PÓS-2015**

# **JUNTOS PODEMOS SALVAR O AMBIENTE...**

**MESMO UM PEQUENO GESTO PODE FAZER A DIFERENÇA!**



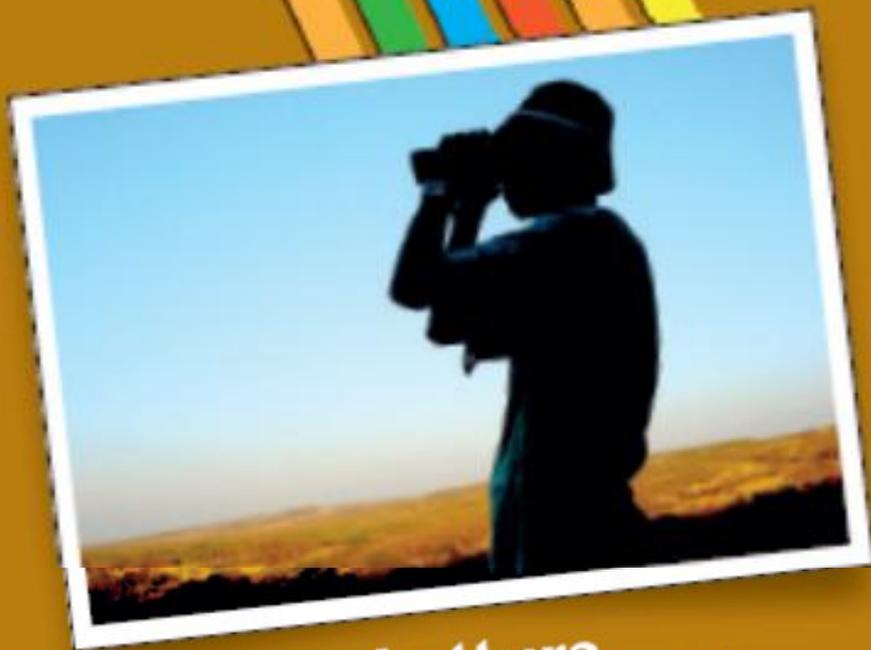


**TODOS DEVERÍAMOS RESPEITAR  
O AMBIENTE EM QUE VIVEMOS...  
É RESPONSABILIDADE DE TODOS CUIDAR  
PORQUE DISSO  
DEPENDE A NOSSA VIDA!**



# idm in ricerca

em busca



Lettura  
evangelica  
dei fatti  
contemporanei

Leitura evangélica dos fatos contemporâneos



## A necessidade da gratuidade

*Por Mara Borsi*

**O caminho educativo à gratuidade começa com o reconhecimento da demanda da gratuidade que os jovens trazem dentro de si. Um ambiente educativo habilita a ser gratuitos quando reconhece o outro e a «novidade» de que é portador.**

O silêncio e a palavra diante de si e dos outros e o encontro com a natureza são duas áreas em que se praticam o desenvolvimento e a consolidação da gratuidade. No âmbito das relações vivem-se muitas vezes relações de estranheza. Acolhe-se na base da utilidade e frequenta-se quem é semelhante para garantir tranquilidade. Os inúteis, os idosos e os deficientes em particular, são banidos dos relacionamentos interpessoais. A linguagem é formal e as palavras são de conveniência porque não emergem do profundo do ser. Para sair desta situação ocorre reencontrar o gosto do silêncio e o sentido da palavra.

### **Silêncio e palavra**

Silêncio, antes de tudo, diante do mistério da própria vida para se tornar capaz do autoconhecimento e de acolher-se na calma e na solidão. Isto não basta: ocorre analisar a fundo a própria vida e fazer sim que cada palavra nasça do profundo do ser, ou ao menos seja invocação de profundidade.

Silêncio, em segundo lugar, diante dos outros. Quer dizer abertura ao mistério que é o outro, disponibilidade a deixar-se surpreender pela sua riqueza e acolher o seu sofrimento sem muitas palavras de conveniência. Um aspecto da gratuidade é a ajuda ao outro, para que encontre a «palavra» para nomear as próprias experiências e as dos outros, para conectá-los num conjunto de significados, para fazer emergir uma busca de sentido e de transcendência. A gratuidade exprime-se também na relação com a natureza e as coisas.

Compreende o respeito pelos recursos naturais e uma nova disciplina na sua utilização. A impelir para a ecologia não deve ser o medo de um futuro sem recursos, mas a convicção de que a destruição da natureza altera o equilíbrio psicofísico da pessoa humana. Gratuidade quer dizer, então, recuperar o sentido do mistério da natureza, mergulhar nela e deixá-la falar.

*mara@fmails.it*



## A palavra aos jovens

Eu sou Daniela Maccioni de Roma, formada em Direito humanitário e direitos humanos.

Colaboro como consultante legal junto a uma Organização não governamental (Onlus) que oferece orientação e assistência jurídica a requerentes de asilo, refugiados e menores estrangeiros não acompanhados.

O meu percurso começou em 2007, ano em que eu e minha melhor amiga Cláudia, no término dos estudos universitários, realizamos o nosso grande sonho: participar de um projeto de voluntariado internacional na África.

Assim conhecemos o Vides Internacional. Procurávamos uma Onlus séria, confiável, que oferecesse garantias e um mínimo de formação aos jovens voluntários “às primeiras armas”, desejosos de partir para campos de voluntariado em Países nem sempre fáceis. Com grande motivação, entusiasmo e vontade de agir, partimos para Dilla, uma pequena aldeia no sul da Etiópia, na estrada que leva ao Quênia, a 6 horas de jeep de Addis Abeba. Lá nos esperavam, animados e com largos sorrisos, cerca de 400 crianças de idade entre 4 e 12 anos.

O dia era sempre cheio de mil atividades: pela manhã, curso de inglês para as crianças de Dilla e das aldeias vizinhas para prestarem o seu exame de admissão; à tarde, o oratório, as danças em grupo, os jogos de equipe, a escola de costura. Muitas foram as lembranças e os momentos de partilha com as crianças, as Irmãs, os voluntários etíopes e o grupo de voluntários italianos do Vides. Lembro os momentos passados na preparação das lições e dos jogos de grupo, os momentos de reflexão e de debate para melhorar.

Lembro as numerosas crianças com o seu lápis e uma folha de papel, esperando-me à porta da classe para entrar.

Não lhes importava precisar andar quilômetros a pé para chegarem à escola, ou enfrentar um temporal tropical, o que contava era que alguém lhes dedicasse o seu tempo, que alguém lhes ensinasse alguma coisa.

A experiência com o Vides Internacional na Etiópia marcou profundamente nossas vidas. Retornando da África Cláudia inscreveu-se no curso de Licenciatura especialista em Cooperação ao Desenvolvimento e atualmente trabalha para uma Onlus empenhada na luta contra a pobreza, a fome e as injustiças sociais. E eu comecei uma nova experiência de voluntariado no Escritório de Direitos Humanos das Filhas de Maria Auxiliadora, em Genebra.

Quando olho para trás penso nos ensinamentos recebidos desta experiência de voluntariado, que foram muitos. O sorriso das crianças ao aprenderem coisas novas, o seu primeiro bom dia em inglês, os seus pequenos progressos...

Compreendi que queria dedicar o meu tempo e as minhas energias para lutar, a fim de que as pessoas, em particular as crianças e os requerentes de asilo, pudessem gozar dos seus direitos.

Aprendi que a *obstinação*, a *perseverança*, o *sacrifício para alcançar o objetivo* de promover e proteger os direitos humanos são as únicas armas para poder vencer, e também poder superar os momentos de frustração, de desconforto e de dúvida que se apresentam durante o caminho.

Hoje sou mais determinada graças ao exemplo do incansável e persistente trabalho das FMA com as quais tive a felicidade de colaborar e de compartilhar trechos da minha trajetória de vida.

## *A Palavra*



# Emaús: falar ao coração

*Eleana Salas*

## Ambientação

Uma Bíblia grande e perto uma vela acesa no centro da sala e para cada participante.



## Invocação ao Espírito Santo

Uma oração ou uma canção, para invocar a ação do Espírito Santo.

### O contexto

Provavelmente a situação existencial da comunidade para a qual Lucas escreve encontra-se em profunda confusão: os cristãos de segunda ou terceira geração, inicialmente entusiasmados pela sua adesão a Jesus Cristo, começam a ceder, assim que lhes foi anunciado que Jesus estaria para voltar triunfante. No decorrer dos anos, as testemunhas oculares desaparecem, e Jesus não volta! Começam a se fazer sentir os assédios da comunidade hebraica e a cultura Greco-romana, e Jesus não retorna!

Deus disse que estaria sempre conosco: onde vamos encontrá-lo?

Um dos “sinais” da sua presença é certamente a Palavra: é Jesus que escutamos quando a Igreja proclama as Escrituras. Lucas assim o expressa com o ícone de Emaús.

Daqui em diante a Igreja aprenderá a ler a Escritura olhando para Jesus como a chave interpretativa, o lugar da manifestação do Senhor.

### Lucas 24, 25-27.32

*Disse-lhes: « Estultos e lentos de coração para crer em tudo aquilo que disseram os profetas! Não era preciso que o Cristo sofresse para entrar na sua glória? »*

*E, começando de Moisés e dos profetas, explicou pelas Escrituras o que se referia a ele. E eles disseram um ao outro: « Não ardia o nosso coração enquanto ele conversava conosco ao longo do caminho, quando nos explicava as Escrituras? ».*

## Leitura: O texto em si mesmo

O desconhecido começa a falar, como um profeta. O que está dizendo a eles? (v. 25-26). “O Messias sofreu para entrar na sua glória”. E esta é a confirmação da missão redentora.

A Paixão de Cristo aconteceu por um desígnio de Deus. (Cf v. 26. 44).

“Explicou sobre Ele o que está nas Escrituras”. Esta é a chave da oração, Comenta o v. 45 deste capítulo.

“Não nos ardia o coração enquanto ele falava?...” A experiência mística de Israel no Sinai foi vivida pelos discípulos recebendo dos lábios de Jesus a explicação das Escrituras, que lhes permite redescobri-las como revelação da sua presença viva.

## Meditação: o texto para nós hoje

Jesus nos desafia a rever a nossa fé e a assumir a paixão do *Da mihi animas* e do *A ti as confio...* A rever a nossa atitude diante do sofrimento e da falência... A fé e a esperança nos sustentam nestes momentos? Deixamos ressoar no nosso coração este convite do Senhor?...

A Palavra, testemunha escrita de Jesus ressuscitado, é o lugar da revelação para mim, para a nossa comunidade? Verificar o valor que damos à Palavra em nossa oração pessoal e comunitária. Revejamos a qualidade da partilha da Palavra: como comunicamos a experiência do Senhor, compartilhamos a profundidade da nossa experiência de fé, a nossa sede de Deus?

## Oração

Ardia o nosso coração enquanto ele falava. Peçamos ao Espírito Santo o dom de saborear a presença de Jesus na Palavra. Peçamos para amar e estar atenta à Palavra.

## Contemplação – Empenho

Não basta estudar e rezar a Palavra de Deus, é importante que ela vá brotando em nossa vida. Confronte a proposta da Igreja neste Ano da Vida Consagrada com a do último Capítulo Geral XXIII sobre o tema da leitura assídua e frutuosa da Palavra de Deus. Como integro a oração pessoal com a Palavra?

Como pode a partilha comunitária da Palavra reforçar a nossa experiência de fé e de amor pelo Senhor Jesus?

[esalas@iglesiacatolica.org.br](mailto:esalas@iglesiacatolica.org.br)



# Sejam mães

Carla Castellino

É o comando que os jovens e os leigos deixaram ao CG XXIII: “Sejam mães cheias de compaixão e de esperança para orientar, responsabilizar, encorajar, nutrir a visão de um futuro mais positivo para todos. Mães que repreendam, eduquem e abracem os jovens.

Sejam exigentes, sem medo de o ser muito, e sejam suaves e amáveis sem medo de o ser pouco.

As nossas casas, como a nossa vida, não podem ser lugares *privados*, mas lugares onde se aprende a entrar em relação, a dar passos de reconciliação, a viver a *amorevolezza*, a sair da espiral da competição; onde os adultos vivam aquilo que pedem e o testemunho dos gestos tem mais força do que as palavras.

Lugares de alegria, de acolhida incondicional e atenção aos mais frágeis, onde a verdadeira amizade é possível e se experimenta o que significa contar com o outro” (Atos CG XXIII n. 13; p. 162-163).

‘Sejam’ é um imperativo que explicita a nossa identidade: “ser um reflexo da bondade materna de Maria” (C 14).

### Mateczka=mãe

É o nome novo, único dado pelas Irmãs polacas à Madre Laura Meozzi: uma vida toda amor! O seu lema: fazer o bem a todos. A sua felicidade: fazer felizes os outros.

Adapta-se aos diversos caracteres e trata cada pessoa de modo adequado, descobre e respeita a ação do Espírito Santo em cada pessoa, evidencia o que é positivo e constrói sobre isso. As suas palavras e os seus conselhos são precisos e penetrantes, convicções confirmadas com o exemplo de sua vida.

Nas cartas deixa aflorar o coração, revela com simplicidade e naturalidade a si mesma, exprime com liberdade e humildade os seus sentimentos: “Tens uma mãe que te compreende muito bem” (C 52).

### Sempre de acordo: delicadas e sorridentes

O seu modo de relacionar-se é simples, concreto, direto: “Como estão? Desejo-lhes a graça de Deus, a paz, o conforto, o dinheiro para que possam organizar tudo bem, mas, sobretudo recomendo que no meio de vocês haja a paz, a caridade. Façam tudo, mas sempre entrando em acordo, sempre boas, sorridentes e cheias do desejo de amar a Deus” (C 41).

“Devemos ajudar-nos reciprocamente, sentir compaixão pelos nossos fracassos generosamente sem dar a conhecer a todo o mundo as nossas fraquezas e as dos outros” (C 196).

“Sejam delicadas no falar, no modo de tratar, no comportamento e, tenham para com todos, um sorriso bom que manifeste a alegria do nosso coração por sermos esposas de Jesus” (C 45).

São estas as atitudes a serem cultivadas nas jovens em formação: “Recomendo-lhe as postulantes: fale com elas sobre o amor fraterno que as deve animar. O interesse de uma deve ser o interesse de todas. Que se ajudem reciprocamente e seja interesse de todas que as outras aprendam. Se uma sabe fazer uma coisa ensine- a à outra, a fim de que todas se tornem úteis à Congregação. Que entre elas haja harmonia, bondade e serena delicadeza” (C 59).

### Sempre juntas; somos casa, única família

Saiba envolver, responsabilizar, inspirar confiança: “Vivam juntas como boas irmãs que combinam entre si: estou contente com o que vocês fazem; façam da melhor maneira diante de Deus, e de modo conveniente” (C 60; 61). “Dou-lhe a responsabilidade da casa. Trabalhe em perfeita harmonia como em sua própria casa” (C 145). «Seja sempre compreensiva e sacrifique-se assim como faz a mãe pelos próprios filhos, sem descanso; a bondade de coração lhe

sugerirá em cada circunstância como deve fazer» (C 147).

Em suas intervenções entrelaçam-se e se harmonizam a confiança, a compreensão e o amor exigente, que sabe fazer emergir o limite chamando-o pelo nome, sabe pôr as pessoas diante das consequências do seu modo de agir, sabe indicar metas altas e motivações profundas. “É mais que natural que as Irmãs devam caminhar juntas. Se não o fazem, não existe o desejo de servir o Senhor em comum, não existe unidade. Neste caso, também, há pouco discernimento e pouquíssimo desejo que na Congregação se mantenha o bom espírito. Onde nos mantemos unidas, lá Deus está presente com a sua graça e os seus favores. Portanto, disse tudo. Sempre juntas, sempre, sempre” (C 61). Escreve a uma diretora: “Envio-lhe Ir. Emília para a rouparia; no início será preciso paciência porque nunca fez este ofício e portanto precisará do seu auxílio; mas é uma filha fiel, séria e boa. Veja de Ihe demonstrar afeto, interesse e de guiá-la bem. Ensine às Irmãs, e você mesma aprenda a fazer festa a quem chega porque somos de uma mesma família e é preciso que sejamos cordiais, cordialíssimas, para agradecer a Deus e fazer o bem” (C 76). “ Como gostaria de fazer compreender a todas as

Irmãs o dever de trabalhar o próprio caráter. Não ter invejas, nem ambições, nem medo de se desgastar no trabalho, mas buscar a Deus, buscá-lo sempre ” (C 8).

### Estar em meio, estar com...

A respeito das meninas e das crianças, convida as comunidades a criar um clima de família, de liberdade e de compreensão: “Tratem bem as meninas; usem poucas palavras, mas façam muitas experiências (C 45); captem as suas necessidades e, na medida do possível, procurem contentá-las (C 218); façam por elas tudo o que podem e sabem fazer, sem esperar recompensa; a recompensa aos nossos esforços seja o aumento do amor de Deus em nós” (C 220).

“Vocês farão muito bem às meninas se ficarem no meio delas para ajudá-las, vigiar com *coração materno*, dar-lhes bom exemplo, especialmente de seriedade de vida” (C 219). “Com as crianças esteja sempre uma Irmã, sempre. Façam com que elas falem muito, corrijam as suas falhas, mantenham uma disciplina familiar pela qual a criança possa desenvolver-se livremente (C 118).

*Sejam mães*: uma presença sem reservas, que deixa transparecer Deus, exala vida e harmonia!

[ccastellino@cgfma.org](mailto:ccastellino@cgfma.org)

*Para aprofundar: M. Domenica GRASSIANO, Nel paese delle betulle, Istituto FMA 1981.*

*Ascolta o figlia. Cartas de Madre Laura Meozzi, pioneira da Obra das FMA na Polônia, editado por Lina DALCERRI FMA, Roma, Istituto FMA 1984.*

## Um olhar sobre o mundo



# Myanmar

*Anna Rita Cristaino*

A história da presença das fma em Myanmar entrelaça-se, de algum modo, com a história da Nação, um tempo chamada Birmânia. As primeiras fma missionárias da Itália, da Índia e de Malta chegaram a Mandalay em 14 de novembro de 1961, foram

acolhidas pelos coirmãos salesianos, mas precisaram deixar o País em 1966, quando o governo socialista deu ordem de expulsão de todos os estrangeiros.

As irmãs haviam começado as suas obras para as meninas e estavam terminando a construção de uma

escola em Mandalay.

As fma conseguiram reentrar em Myanmar e abrir uma primeira casa em 1994 em Anikasan, no distrito de Mandalay, comunidade *Maria Mazzarello* que agora é composta de 9 Irmãs, 10 meninas do período de avaliação e orientação, e 50 meninas internas às quais foi oferecida uma formação profissional com cursos de corte e costura. A obra inclui uma escola materna com 150 crianças.

Há, também, diversas atividades paroquiais: catequese, formação dos jovens, encontros de oração nas famílias, visita aos doentes. Atualmente são 33 as fma em Myanmar: 26 estão distribuídas nas 4 comunidades do País, 3 Irmãs estudam na Itália, 2 estão no Camboja e 2 nas Filipinas.

As outras comunidades encontram-se uma em Pyin Oo Lwin com um pensionato para 60 estudantes que vivem em situação de risco, uma escola materna, atividades pastorais nas aldeias, catequese, reforço escolar e formação dos jovens. Outra está em Chanthagon, onde as fma vivem com 19 jovens provenientes de situações de pobreza, oferecem cursos de computação e de língua inglesa, catequese, fazem visitas às aldeias para a promoção da mulher e, faz pouco tempo, também uma escola materna. A última erigida como comunidade em 2010 foi a de Yagon, onde a presença das Irmãs remonta ao ano de 1994. As fma ocupam-se da acolhida, vivem com 12 universitárias internas e fazem pastoral e reforço escolar.

Conta-nos Ir. Veronica Nwe Ni Moe, diretora da comunidade de Anikasan: «Ali, onde estamos, sempre somos acolhidas muito bem, somos estimadas, apoiadas pelos bispos e pela gente do lugar que, na maioria, é de religião budista»

Ir. Verônica sempre diz que os desafios maiores que as fma devem enfrentar são aqueles ligados à pobreza econômica, social, moral e espiritual do contexto em que trabalham. Um fenômeno que preocupa muito é o tráfico dos seres humanos, sobretudo jovens, mulheres e crianças.

Também a qualidade da oferta educativa não é muito alta devido a um sistema no qual faltam professores e educadores preparados.

Sente-se a necessidade de educar sempre mais à liberdade responsável, à paz, ao diálogo interreligioso, sobretudo neste tempo em que a Nação está procurando caminhos para chegar a um sistema democrático.

O cristianismo é visto como uma religião estrangeira, e em muitos existe o medo de perder as referências à própria cultura.

Mas, as fma sentem que é tempo de ser corajosas para difundir sempre mais o carisma e a cultura vocacional.

A maioria das fma é jovem e o seu entusiasmo se soma à busca de uma formação e preparação sempre mais profunda para poderem acompanhar as jovens com as quais compartilham a vida.

Os jovens desta Nação estão enfrentando um período de transição nem sempre fácil. O sonho de um país mais democrático acompanha o conhecimento de culturas diferentes com as quais entram em confronto graças às tecnologias da comunicação. Muitos são atraídos pelo bem-estar, procuram fugir da pobreza, mas nem sempre escolhem o caminho de trabalhos dignos.

Muitas vezes deixam-se enganar e entram no ambiente do tráfico de seres humanos e da prostituição. Têm mais liberdade, mas nem sempre sabem gerenciá-la, por isso sente-se a urgência de propostas educativas e formativas adequadas a eles. E tudo isto se torna mais difícil quando a paz interna encontra-se continuamente ameaçada por lutas pelo poder entre as diversas facções.

Eis porque o trabalho das fma é empenhativo, mas significativo para o futuro da Nação. Por meio da educação podem-se salvar gerações inteiras. Ir. Verônica no seu relato, compartilha conosco a história de Margaret, uma das muitas que testemunham como o trabalho das nossas Irmãs se encarna no tecido cotidiano de tantas pessoas que precisam de apoio.

## A história de Margaret

«Margaret é uma jovem de 19 anos que chegou à nossa comunidade há dois anos como estudante de corte e costura, órfã de pai e mãe. Tem um irmão mais velho já casado e com filhos.

Não teve oportunidade de estudar. A catequista da sua aldeia havia ouvido falar do nosso centro de promoção da mulher por meio das nossas ex-alunas e lhe propôs vir até nós.

Margaret é uma jovem boa, silenciosa, bonita, simples, com grande senso de responsabilidade e, enquanto estava aqui, saía-se muito bem no curso de corte e costura. Interessava-se por todas as propostas, tanto as formativas e de catequese quanto, as que diziam respeito ao cuidado da sua pessoa. Participava da oração e da partilha da Palavra.

Alegrava-se, sobretudo, com o espírito de família que respirava em nossa casa.

Depois de alguns meses que estava conosco,

começou a sentir dor de estômago e perceber inchaço nos pés. A médica que a visitou disse-nos que estava grávida de quatro meses. Ela mesma nos contou que fora abusada por um homem da sua aldeia.

Estava revoltada, não queria aceitar o fato de estar grávida, não conseguia perdoar aquele homem e teria desejado morrer e fazer morrer a criança. Procuramos enfrentar esta situação tratando-a com muita delicadeza. Colocamo-nos à sua escuta. Ela nos contou todos os sofrimentos suportados. Abriu-se conosco, após ter compreendido o nosso afeto e a nossa acolhida incondicional. Mas o sofrimento era muito, via o seu futuro comprometido. Queria construir uma família, estudar para achar um trabalho. Mas, naquele momento parecia-lhe que cada sonho fora desfeito. Não era fácil para ela enfrentar este desafio e nem mesmo para a nossa comunidade.

Era a primeira vez que nos encontrávamos diante de uma situação como esta. Decidimos escutar, deixando Margaret falar muito, demonstrando-lhe o nosso apoio e o nosso afeto sincero. Depois, pouco a pouco, nós a ajudamos a perdoar esse homem, e a aceitar a criança e a si mesma. Mais tarde disse: “Estou convencida de que Deus me fala através de vocês, queridas Irmãs, e sei que Jesus perdoou a todos como aprendi de vocês na catequese. Deus nos perdoa e nos ama sempre. Também eu quero ser uma filha de Deus que sabe perdoar.

Ajudem-me e me sugiram o que devo fazer, por favor. Se o meu irmão maior souber desta minha

situação, me matará. Tenho muito medo”. Quando ouvimos isto, pensamos em falar com as Irmãs do Bom Pastor que têm mais experiência no acompanhamento de casos como este. Margaret confiou em nós e aceitou a proposta de transferir-se para a casa daquelas Irmãs, entre as quais havia uma minha amiga e que conhecia bem. Lá Margaret foi ajudada a dar à luz sua filha. Enquanto ficou com as Irmãs do Bom Pastor, mantivemos contatos telefônicos e pedimos a ajuda material e moral aos parentes das nossas Irmãs que moram perto das Irmãs do Bom Pastor.

Margaret, com grande sofrimento, deu em adoção a sua filha. Sentiu fortemente o desapego, mas pensou num futuro sereno para a sua filha.

Margaret agora está de novo conosco para continuar o seu percurso de formação e procurar construir um futuro digno. A experiência vivida mudou a sua vida. Sua menina ficará sempre no seu coração e não lhe será fácil esquecê-la.

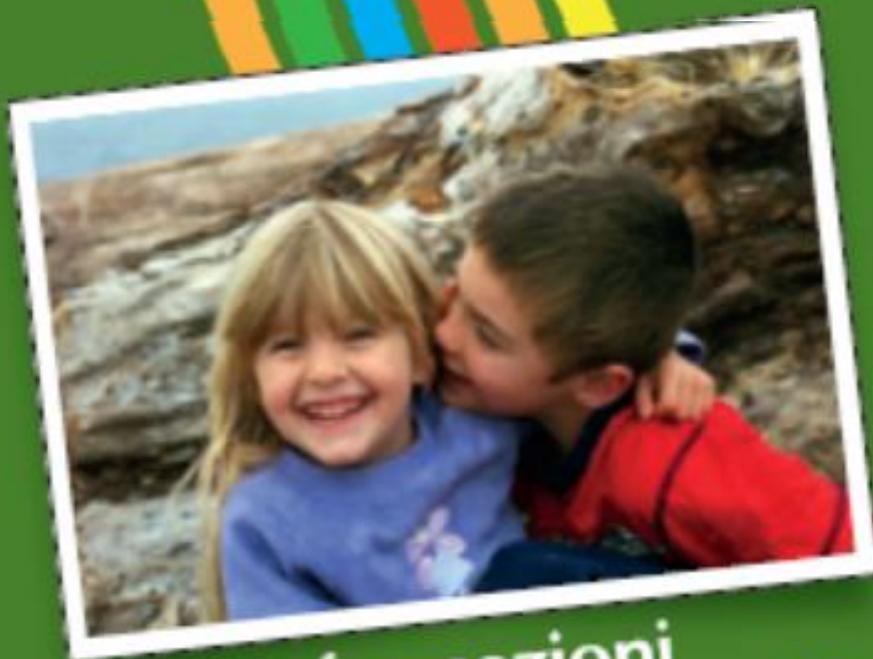
Esta experiência mostrou-nos concretamente como o deixar-se transformar pelo encontro com Jesus, leva a escolher a vida. Margaret deu-nos testemunho de como se pode chegar a perdoar, mesmo sofrendo, alguém que nos fez tanto mal. E nós encontramos em Margaret aquele Jesus que vem para pedir-nos obras de misericórdia. O desejo é o de ser sempre mais mediadoras do amor preveniente de Deus dando força ao nosso encontro pessoal com Ele ».

*arcristaino@cgfma.org*



# dmma comunicare

comunicar



Informazioni  
notizie e novità  
dal mondo  
dei media

Informações, notícias e novidades do mundo da mídia



# Comunicação e Carisma

Maria Antonia Chinello

**Em 1993, o então neo-nascido Dicastério para a Comunicação social, enviava uma “carta-proposta” às “mulheres em rede”, fma sob todos os céus, convidando-as a refletir sobre como enfrentar a cultura atual e como traduzir no hoje as intuições das origens.**

A nossa missão sempre mais catapultada num mundo juvenil com mais caras, urge esforços para falar a língua dos jovens, porque isto, talvez, seja o segredo para se chegar a eles e os fazer amigos.

A nossa Congregação, juntamente com toda a vida consagrada, está ciente de que comunicar ao externo significa fazer fluir o próprio carisma para o mundo, abrir caminhos novos, introduzir no cenário social e cultural uma mensagem alternativa, às vezes contracorrente, incômoda, de defesa e denúncia, de tutela e justiça.

### Comunicar “o” carisma

Uma sociedade onde tudo é comunicação, comunicar é uma tarefa, um dever, o modo para transmitir a mensagem confiada ao Evangelho, a essência da missão e da presença no mundo. Segundo um autor contemporâneo, para “comunicar o carisma” ocorre fazer dialogar quatro aspectos, apenas aparentemente distantes um do outro: *laicidade e missionariedade, comunicação e carisma*.

A *laicidade* é própria daqueles que não sendo consagrados ou ordenados no sacerdócio, são igualmente chamados a testemunhar o Evangelho nos seus específicos ambientes de vida: a família, o mundo do trabalho, o empenho político e social. Um outro significado de laicidade é o de se contrapor à Igreja, não acolher a importância da fé para a vida das pessoas.

Nesta dialética, onde e como se coloca a vida consagrada? É capaz de “falar” aos leigos cristãos que frequentam a Igreja; àqueles que não vão à Igreja, mas demonstram interesse pela vida consagrada, reconhecendo nela o patrimônio de experiências, ideias e valores; aos que estão afastados e indiferentes?

O leigo cristão é um aliado precioso para a Igreja institucional e para a vida consagrada, visto que consegue explicar aspectos da vida e dar respostas às análises e aos esforços de evangelização e para falar ao mundo de hoje de modo significativo.

*Comunicar* é mais que informar, é ativar processos, fazer circular conteúdos, estilos de vida e valores, por meio da informação.

É conhecer o público ao qual se dirige.

No momento em que se entra em campo na grande *agora* da comunicação, devemos saber quem é o alvo ao qual endereçamos a mensagem e qual é o objetivo que predeterminamos. Serve, então, uma mentalidade comunicativa que se traduza em projeto, que empregue recursos, preveja instrumentos e estratégias de avaliação, possa contar com pessoas em tempo integral.

*Carisma* é um termo sociológico e exprime aquele anseio que todos temos (pensamos nos líderes políticos, em quem governa países e instituições, movimentos e agregações). Para nós, carisma é algo mais, que já possuímos, talvez sem perceber, e que continuamente somos chamados a redescobrir, interpretar, inculturar. «Um carisma, escreveu Dom Giussani, fundador do movimento Comunhão e Libertação, pode-se definir como um dom do Espírito dado a uma pessoa em um determinado contexto histórico, a fim de que aquele indivíduo dê início a uma experiência de fé que possa ser de alguma forma útil à vida da Igreja».

## Uma escolha de campo

Para entender o que tornar conhecido fora das congregações é necessário recomeçar dia por dia. Não é uma operação automática: não se pode fazer conhecer algo de nós fora, se não existe comunicação dentro, se o circuito comunicativo não estiver ativado e não envolver todas as pessoas que fazem parte da comunidade.

Saber sair fora com modalidades novas põe em confronto com o mundo leigo, não cristão, e obriga a verificar e a renovar a linguagem; a confrontar-nos com os leigos em sentido cristão; a escolher modalidades novas de diálogo e de colaboração.

## Hoje como ontem

Maria Mazzarello era uma mulher de intensa interioridade, porque soube viver profundas relações de comunicação, desde os primeiros anos da sua juventude. Ela era ponto de referência claro e seguro para as famílias do vilarejo; podemos chamá-la 'a precursora da animação dos leigos na igreja e comunidade local'.

Madre Mazzarello havia descoberto que era muito importante conhecer a linguagem da alma com Deus, mas que era do mesmo modo importante «aprender a linguagem dos homens para poder chegar a todas as periferias da terra». Nas cartas, com o seu estilo simples, com o seu jeito de falar, escreve páginas com notícias de família, que alcançam a América.

Com a intuição própria da alma feminina, faz circular informações, colhe o coração dos fatos, reflete sobre o o seu sentido impregnada de Providência. As cartas de Madre Mazzarello demoravam um mês para chegar à sua destinação; hoje ficamos a par dos acontecimentos

em tempo real e isto interpela a nossa vida e a de nossas comunidades porque não é mais possível ficar tranquila dentro dos muros da casa. É urgente educar-nos e educar para ler os fatos por dentro, para dar voz a todos, sobretudo àqueles que são vítimas do poder econômico, social, político e religioso.



Propomos formar conosco uma ampla rede de comunicação, de referência: uma rede que envolva o mundo. Somos muitas mulheres, em muitos contextos diferentes, temos entusiasmo, energia, força.

Nada poderá resistir ao nosso passo cotidiano de autoconsciência, à nossa vontade de confiança e solidariedade.

(ACG XIX, Mensagem às jovens).

[mac@cgfma.org](mailto:mac@cgfma.org)

## Video



### STILL ALICE

de Richard Glatzer;

Wash Westmoreland – EUA, 2014

Mariolina Parentaler



A excelência da obra recebeu o reconhecimento mais compartilhado e universal. É a adaptação cinematográfica do romance 'Perder-se' escrito em 2007 pela neurocientista Lisa Genova. Sua estreia mundial foi em Turim no dia 8 de setembro de 2014. Participou do concurso no Festival de Roma, e em 2015 venceu o Golden Globe junto com o Oscar para Julianne Moore – Melhor Atriz Protagonista.

Entre os vários filmes dedicados ao Alzheimer – a doença do «longo adeus» - ninguém havia se aventurado a relatar o drama do ponto de vista da pessoa atingida, como acontece em 'Still Alice' com a neuropsiquiatra americana: assistindo a avó no desvio degenerativo, perguntou-se sobre o que acontecia "dentro dela". Semelhantemente precisaram/quiseram fazer os co-diretores, dos quais um, Richard, envolvido em primeira pessoa como doente de Alzheimer.

O progressivo deslizamento no espaço branco onde se cancelam as palavras, os significados e as lembranças, acontecem sem nenhuma ênfase, graças a uma encenação e a um desempenho extremamente muito medidos.

Isto não impede, porém, ao filme de dilacerar o coração conquistando em profundidade, e – com a sua magnífica intérprete – de bater forte à porta da interioridade-reflexão.

## Afundando no abismo do Alzheimer

«Cinema em luto: morreu Richard Glatzer, diretor de Still Alice» anuncia a mídia no dia 13 de março, depois da vitória de Julianne Moore em Los Angeles. « Para se comunicar com a trupe durante o processamento do filme, Richard usava o Ipad escrevendo os seus pensamentos com um dedo da mão! » O co-diretor Westmoreland relata que em dezembro de 2011 receberam um telefonema no qual 2 produtores os convidava, a dar uma olhada no romance da Genova. O tema, uma forma precoce de Alzheimer espantava não pouco, mas no início daquele ano Richard havia sentido necessidade de dizer ao neurologista que o havia visitado depois de algumas dificuldades para falar: «Acredito que seja o Alzheimer». A partir daquele momento a abordagem do livro fez-se forte e motivada, desaguando, por conseguinte, no roteiro e na escolha de Julianne para o papel da protagonista.

«A história de uma mudança que escapa a qualquer forma de pateticismo ou de exibicionismo, interrogando-se e medindo-se com a dor muda deste mal» sublinha concorde a crítica.

É preciso dizer que a atriz Moore restitui o drama com aridez e simplicidade exemplares: nenhuma retórica, nem borrão.

O fato de que Alice Howland seja uma famosa professora de linguística que leciona na Universidade de Colúmbia e faz brilhantes conferências em todo o País, distingue em parte Still Alice de outras declinações 'senis' sobre o mesmo tema.

Um mal terrível que, como explica a mulher à filha Lydia, "pouco a pouco te tira de ti mesma". A estrutura tem um desenvolvimento linear e insere alguns flashback: são lembranças de família, momentos alegres e significativos

que pouco por vez vão desaparecendo da sua memória e à qual a mulher procura agarrar-se com todas as suas forças. Dentro dos vários blocos narrativos delineiam-se dois filões estruturais.

O primeiro, o mais evidente, está na base de toda a narrativa: refere-se às várias etapas que caracterizam a fonte e o desenvolvimento da terrível doença. O segundo, menos chamativo, mas decisivo para os fins da temática, ressalta as várias atitudes e as diversas reações das pessoas, a partir dos membros da família, a respeito da protagonista no seu caminho rumo a um dramático e irreprimível «perder-se».

Existe depois o momento particularmente significativo em que Alice faz um inesquecível discurso para a Associação dos Enfermos com Alzheimer do qual merece reportar alguma expressão porque entra diretamente na temática do filme.

« Sou uma pessoa que convive com um início precoce do Alzheimer, disse. E enquanto tal vejo-me aprendendo a arte de perder cada dia (...) Tudo aquilo que acumulei na vida, tudo aquilo pelo qual trabalhei com tanto empenho, agora, inexoravelmente, me é arrancado. Como podeis imaginar, ou também como sabeis, isto é atroz.

Mas ainda existe o pior. Quem nos pode levar a sério quando estamos tão distantes daquilo que éramos? O nosso estranho comportamento e o nosso falar gaguejando, muda a percepção que os outros têm de nós e a nossa percepção de nós mesmos.

Nós nos tornamos ridículos, incapazes. Mas não é isto que nós somos. Esta é a nossa doença». De resto, tudo no script tem uma densidade de tomada imediata, sem gritar, estrepitar, denunciar, fazendo apelo à necessidade de manter alto o nível de dignidade e humanidade, a capacidade de acreditar seja como for, no valor da vida.

*m.parentaler@fmailia.it*

## PARA FAZER PENSAR

### A ideia do filme

**O personagem de Alice é claramente universalizável e pode se tornar emblemático.**

A vida humana é caracterizada pela fragilidade, mas possui um valor inestimável porque é rica e digna. Não obstante as doenças e os enfraquecimentos, não obstante as aparências, o que resta é sempre uma vida humana, uma vida destinada a não "perder-se" definitivamente. É, portanto, considerada, respeitada e amada.

Esta obra pretende explicitamente pôr em andamento reflexões sobre a doença, sobre os seus reflexos na vida individual e da família e também sobre a sua relação com o cinema. Justamente foi escrito que relatar a doença ao cinema é um dos campos minados mais difíceis de atravessar: pelo risco do excesso, da chantagem, às vezes também da superficialidade, e porque o espectador mesmo acaba por «rejeitar» quase inconscientemente um argumento que o constrange a confrontar-se com a parte

mais débil e sem defesa de si mesmo.

É todavia um desafio envolvente, estimulante, que vale a pena enfrentar. O mal de Alzheimer em particular entrou nas histórias literárias/cinematográficas, acrescentando uma nota de medo e comoção, especialmente porque está entre as mais notáveis formas de demência que envolve a memória.

Aqui Julianne Moore vence esplendidamente, graças à classe e à luminosa/dolorosa natureza da sua recitação.

### **O sonho do filme**

#### **Fazer refletir, persuadir o público de que “Alice ainda é ela mesma”: *Still Alice precisamente***

O sonho do filme está no seu significado. Aqui a assim chamada ‘significação’ nasce do encontro dos dois filões estruturais: o da doença e o das atitudes das pessoas que compartilham os efeitos. O que acontece com Alice é uma coisa terrível e é sinal da sua fragilidade. Mas faz parte da sua vida, uma vida que fora «notabilíssima», rica e feliz.

Uma vida que continua na medida em que a mulher ainda é capaz de lembrar.

Em outras palavras, Alice ainda é ela mesma, mesmo se de modo diferente por causa da doença e, na medida em que é reconhecida como tal da parte de quem está ao seu lado com amor.

No seu discurso para a Associação dos enfermos, afirma: « Eu a guardo comigo mesma porque não consigo lembrar as coisas, mas tenho ainda momentos, na jornada, de pura felicidade e alegria. E, vos rogo, não penseis que eu esteja apenas sofrendo.

Mesmo que esteja sofrendo, estou lutando. Estou lutando para continuar a fazer parte da vida, para continuar em contato com o que era uma vez.

Assim, “Vive o momento”, é o que me digo». Drama da comoção ‘com dignidade’ portanto, que oferece sugestões superlativas de reflexões e apreciações humanas.

## *O livro*



**Eva Weaver**

# **O pequeno Titereiro de Varsóvia**

*Emilia Di Massimo*

“Velho, maltrapilho, impregnado de histórias, parece um animal feroz que vagueia pelo hospital, fazendo confusão. Ontem a enfermeira o fixava como se fervilhasse de pulgas”. Não se trata de uma pessoa, mas de um casaco. Um casaco particular que pede somente para não ser jogado fora, não ficar mais fechado numa caixa, mas ter um lugar no coração.

### **O casaco preto de lã**

Mika tinha doze anos quando o casaco foi confeccionado por Nathan, o costureiro. Este o fez para o seu avô, na primeira semana de março de 1938: o último ano de liberdade para Varsóvia, Mika e sua família.

Aquele simples casaco preto de lã, com seis botões, e uma estrela de Davi costurada na manga direita, os acompanhou, silencioso e aparentemente inanimado, ao gueto onde foram presos junto com uma centena de amigos e conhecidos.

Quando o avô morreu, ficou para Mika a única herança capaz de protegê-lo do frio intenso e do medo. Aparentemente é um casaco qualquer, se não fossem os seus bolsos que escondem outros bolsos, fendas e becos sem saída. Uma teia de lugares invisíveis nos quais fazer desaparecer os segredos mais preciosos, a partir de um teatro inteiro de fantoches de papel *machê* de cores vivas: um príncipe, um bobo da corte, um crocodilo e muitos outros. Que surpresa seria melhor para distrair o primo doente e os vizinhos amontoados num espaço reduzido, do que um espetáculo de fantoches? Em pouco tempo todo o gueto fala do pequeno titereiro que gira de casa em casa arrancando sorrisos mesmo dos mais infelizes. O teatro de fantoches alegrará muitas vezes os pequenos que vivem no orfanato de Januzs Korczak, escritor para jovens, educador e pediatra hebreu-polaco que, mesmo tendo obtido os documentos de soltura, escolherá ser deportado para

Treblinka, com as duzentas crianças e o pessoal do orfanato. Entre eles não se contará nenhum sobrevivente.

## O espetáculo dos fantoches

A notícia do jovem titereiro espalha-se velozmente e chega até os soldados alemães. Até Max, um oficial que fica de tal modo fascinado pelo pequeno “inventa fábulas” que chega ao ponto de arrastá-lo para um pacto assustador: todas as noites Mika poderá sair do gueto sem encontrar obstáculos, porém, com a condição de ficar no quartel das SS e apresentar para eles o teatro de fantoches.

Se souber encantá-los com as suas histórias poderá retornar cada noite são e salvo à sua família, se não... A agitação dentro e fora do gueto poderia ser nada mais do que uma roleta russa contra a morte, para um rapazinho de doze anos armado apenas com os seus fantoches e com a própria capacidade de encantar os ânimos. Mas, vestindo o seu casaco cheio de bolsos, revela-se um inesperado caminho de fuga para a salvação.

A autora, Eva Weaver, na mais difícil das empresas consegue: relatar ao mesmo tempo o coração frágil da tragédia, a perda da inocência de um menino e a sua inexaurível capacidade de sonhar novamente. Lembra que, se meninos como Mika, com sua infinita imaginação, não tivessem existido, a atrocidade da guerra teria adormecido os corações, sufocado o espírito; teria vencido o coração.

## Uma história de emoções

O Pequeno Titeiro de Varsóvia é uma história de emoções que se contrastam, de sensações que se acalmam e de outras que renascem: é um entrelaçamento de duas vidas e depois de três, quatro, dez, mil e milhões. A história é vista pelos olhos de



de Mika, o pequeno titereiro, que começa a relatar sua vida a partir da adolescência.

Realmente, tudo tem início entre os inúmeros bolsos de um velho casaco: a história de tantas outras histórias que nele encontraram refúgio, conforto, inspiração, saudades e amargura, calor, proteção, às vezes divertimento, outras vezes terror e um frio pungente na alma. Inclui no seu pequeno universo o amor e a crueldade, o sofrimento e o desconcerto, a humilhação do povo hebraico agredido. Desde o lento, mas inexorável confinamento dos hebreus até a inexplicável crueldade dos alemães, a cega abnegação diante dos comandantes da parte de soldados e civis que não tinham nenhuma ideia daquilo que estava acontecendo dentro dos muros do gueto. Eva Weaver não apresenta somente um ponto de vista; com fineza de estilo, introduz o leitor no mundo alemão: as perguntas, as mentiras, as consequências, o sofrimento dos próprios alemães, tudo expresso mediante alguns simples fantoches, construídos com o objetivo de sucesso, mas animados pela apaixonada vontade de viver do titereiro e dos seus pequenos e grandes amigos. É assim que as emoções são interpretadas; faz-se viva a encarnação, tanto da alegria quanto do horror, e se compreende que, independentemente da nacionalidade e da religião, o coração humano é igual e único, sempre. É o que emerge em Max, o soldado alemão, que nunca mais poderá deixar de associar a exuberância de sua netinha à menina da mesma idade que, com a mesma e transbordante vontade de viver, havia morrido no gueto.

O fio vermelho da história é um fantoche: o príncipe, com suas bochechas cor de púrpura, o amor de um avô e a força de uma mãe. A voz que narra o espetáculo humano, muitas vezes inquietante, mas nunca sem esperança. O amadíssimo fantoche, será a testemunha silenciosa da existência de Mika, Max e de quem entender que, mediante os fantoches, pode-se superar toda barreira e alcançar o coração das pessoas. Assim se exprime em público o príncipe, depois de haver voltado para casa de uma viagem realmente muito longa: « Desejei uma vida longa. Vi lugares e coisas que não poderíeis nem mesmo imaginar. Acolhi muitos testemunhos em muitas línguas diferentes, o suficiente para compreender o que está gravado no coração de vós, os humanos ».

O *Pequeno Titeiro de Varsóvia* é dedicado às “vítimas de guerra, de então e de hoje”, deseja “curar as feridas, favorecer o diálogo e a paz”.

*emiliadimassimo@libero.it*



## Peace Vs War

Mariano Diotto

Existe um tema que é sempre enfrentado no mundo da música e pelos compositores porque não tem tempo marcado e permeia toda a história da humanidade: *a paz contra a guerra*.

Das vozes dos cantos gospel de libertação que se levantaram a partir dos campos de algodão, às palavras em enxurrada dos *rapper* dos nossos dias, os conflitos e as desigualdades estiveram sempre presentes na *alma* que a música possui.

Não existe povo que não tenha uma canção que relate a própria libertação do invasor, não há nação que não tenha um canto que fale da opressão, não há religião que não tenha uma música que evoque a libertação do pecado e leve à paz interior.

### Guantanamera

*«Yo sé de um pesar profundo entre lãs penas sin nobres: la esclavidad de los hombres ES la gran pena del mundo! (lo so di um dolore profundo frale pena senza nome: la schiavità degli uomini è la gran pena del mondo!)».*

Esta canção, escrita pelo personagem popular radiofônico dos anos trinta *José Fernandez Díaz*, quando é cantada nos leva a um clima descontraído e alegre, mas na realidade relata as lutas de independência que inflamavam Cuba, colônia espanhola no final do século XIX. O seu caráter romântico unido aos valores patrióticos a tornaram uma das canções mais amadas apelos cubanos e emblema de todos os oprimidos pela ditadura.

### Sólo le pido a Dios

*«Sólo le pido a Dios, di León Ciego, é a canção que nunca passará da moda: é um tema de sempre e para sempre e um sucesso internacional com palavras que todos devemos ter muito presente, sobretudo quando*

*dizem: somente peço a Deus que a guerra não me seja indiferente. Nas guerras todos perdem. Em todos os conflitos não há vencedores nem vencidos; todos perdem».*

São estas as palavras da famosa cantora argentina *Mercedes Sosa*, paladina da sua terra e da luta pelos direitos e a paz, que levou ao sucesso este brado em todo o mundo. É um hino à paz e ao sentimento de fraternidade. *«Sólo le pido a Dios que la guerra no me sea indiferente, es un monstruo grande y pisa fuerte toda la pobre inocência de la gente (Peço só a Deus que a guerra não me seja indiferente, é um grande monstro que esmaga a pobre inocência das pessoas)».*

### The green fields of France

No *Man's Land* era o título original desta canção escrita por *Eric Bogle*, compositor australiano de origem escocesa.

Depois de haver visitado os cemitérios da Primeira guerra Mundial na França reelaborou uma canção popular escocesa em um dramático colóquio imaginário com o simples soldado *William McBride*.

*«And I can't help but wonder now Willie Mc-Bride, do all those who lie here know why they died? / Did you really believe them when they told you the cause? / Did you really believe them that this war would end war? / But the suffering, the sorrow, the glory, the shame, the killing, the dying – it was all done shame, the killing, the dying – it was all done in vain (E não posso agora deixar de me perguntar, Willie MacBride, todos os que ficam aqui estão porque morreram? Acreditaste realmente quando te disseram porque? Acreditaste realmente que aquela teria sido a última guerra? E o sofrimento, a pena, a glória e a vergonha, matar e morrer – tudo foi em vão)».*

## Self Evident

Chegando aos nossos dias há o trecho da cantora folk americana Ani DiFranco intitulado Self evident que mais que uma canção é um longo hino poético conta a guerra. Relata com extrema crueza sua posição depois da tragédia das Torres gêmeas, iluminando as contradições dos Estados Unidos que se definem como uma nação de paz que, porém, leva a guerra em giro no mundo, com as suas armas e o seu exército: «*and the shock was subsonic and the smoke was deafening between the setup and the punch line / cuz we were all on time for work that Day / we all boarded that plane for to fly and then while the fires were raging / we all climbed up on the window-sill and then we all held hands and jumped into the sky and every borough looked up when it heard the first blast and then every dumb action movie was summarily surpassed (e o choque foi subsônico e a fumaça sufocante porque estávamos todos em horário de trabalho naquele dia / e todos embarcamos naquele voo e depois enquanto as*

*chamas se enfureciam ficamos todos empoleirados no parapeito da janela / e depois todos fomos tomados pela mão, todos lançados ao céu e cada distrito levantou os olhos quando ouviu a primeira explosão e cada filme estúpido de ação e de golpes parecia superado)».*

## O mundo que eu quero

«*O mundo que eu quero teria mil corações a mais para bater, teria mil amores. O mundo que eu quero teria mil mãos e mil braços para as crianças de amanhã que com os seus olhos pedem mais. Salva-as também tu. Para quem crê no mesmo sol, não existe raça não existe mais cor. Porque o coração de quem tem outro Deus é igual ao meu».*

Esta canção da famosa cantora italiana Laura Pausini indica exatamente o caminho correto para alcançar a paz: investir nas novas gerações. De fato são precisamente as crianças, as pessoas mais frágeis as principais vítimas, mas elas são o nosso futuro para um mundo melhor onde os conflitos não existam mais e não exista mais quem morra por um pedaço de terra ou por causa do seu próprio credo: «*salva-os também tu*».

*m.diotto@iusve.it*



## Conferência? Existe modo e modo!

Minhas queridas amigas, que alegria poder estar um pouco com vocês e colocá-las a par daquilo que pensei nestas semanas!

É bonito ter alguém a quem poder confiar as próprias confidências, sobretudo quando requerem compreensão e reserva.

Agora, digo, paciência se alguém desvirtua a recreação, paciência se o colóquio não se sabe nem mesmo o que seja, mas tirar-nos a conferência da diretora, isto não! É intolerável! E não me venha dizer que não, não é verdade que foi tirada, apenas porque a sua Superiora as reúne toda semana... Não se iludam!...

Sabem de uma coisa? Seria necessário um sindicato para lutar unidas contra quem nos subtraiu a conferência: deve restituí-la! Quem no-la roubou??? Mas, exatamente aquelas que deveriam prepará-la e realizá-la! E no-la tiraram em nome daquela modernidade que em outras circunstâncias melhora a nossa vida!

Explico-me: até agora, quando soava a campainha da conferência suspiravas aliviada; a tua jornada de trabalho estava praticamente terminada! Organizavas rapidamente as últimas coisas, deixavas as tuas ocupações e te acomodavas numa cadeira para esperar a voz pacata, segura e relaxante de sua diretora que

falava, falava (não importa o que), te embalando para uma boa meia hora; que descanso para a alma e para o corpo! Agora, em vez, muitas diretoras tomaram a mania da modernidade; fixaram que é necessário participar, expressar pareceres pessoais, compartilhar... e assim acabou a paz! Começaram convidando-nos a sublinhar o que nos havia tocado na última circular da Madre, e depois avançaram com perguntas sempre mais empenhativas chegando, às vezes, até a propor perguntas de reflexão pessoal e comunitária, passando pelo projeto comunitário que se tornou um verdadeiro tormento.

Em suma, a conferência da diretora não é mais um encontro esperado com alegria, mas um trabalho a mais a nós pobrezinhas que, de coisas para fazer, já temos tantas; as diretoras – dito nas entrelinhas – quando não estão muito preparadas têm a escapatória do envolvimento da comunidade...

Oh não, queridas Superiores de última geração, nós Irmãs temos direito àquele momento tão precioso da vida comunitária em que as senhoras – é seu dever – falem, falem, e nós – em silêncio religioso – escutemos tranquilas para que outra campainha não nos faça saltar... Benedicamus Dominum!

Palavra de C.

## No próximo número

---

### **DOSSIÊ: ALARGAI O OLHAR... ANÚNCIO DE DIÁLOGO**

O encontro com Jesus transforma também o nosso cotidiano, cria e alimenta a comunhão, torna-nos, junto com os jovens e com toda a comunidade educativa, evangelizadores convictos, profecia para o mundo.

---

### **CULTURA ECOLÓGICA: CORRESPONSABILIDADES DO AMANHÃ**

Seres humanos, plantas, animais: seres vivos, cada um em relação com o outro, cada um corresponsável pelo destino do outro.

---

### **FIO DE ARIADNE: FERIDAS SOFRIDAS E PROVOCADAS**

As inevitáveis “feridas” da vida em pequenas comunidades familiares e nas mais numerosas comunidades religiosas. A consciência de ser todas/os possíveis feridoras/feridores além de ser ferida/o, torna a pessoa mais realista, mais verdadeira, mais capaz de compreensão, de um olhar misericordioso e de perdão além de relações mais serenas.

---

### **COMUNICAR: COMUNICAÇÃO E MISSÃO**

Superar o medo de não ser compreendido, cultivar a formação, a atualização, evitando a tentação de colocar as nossas competências no centro; procurar juntos estratégias para querer bem os jovens de hoje e para demonstrar que os queremos bem.

---

### **CARISMA E LIDERANÇA: FAZER VIBRAR O ESPÍRITO DE FAMÍLIA**

As temáticas enfrentadas no texto, com referências carismáticas a Elisa Roncallo são: capacidade de aproximação/afastamento; promover relações justas, de pessoas adultas que se promovam reciprocamente.

---

***da mihi animas:  
o nosso modo  
de crescer juntas***



TUDO DAREI  
PARA GANHAR  
O CORAÇÃO DOS JOVENS,  
E ASSIM PODER OFERECÊ-LOS  
AO SENHOR...

DOM BOSCO

